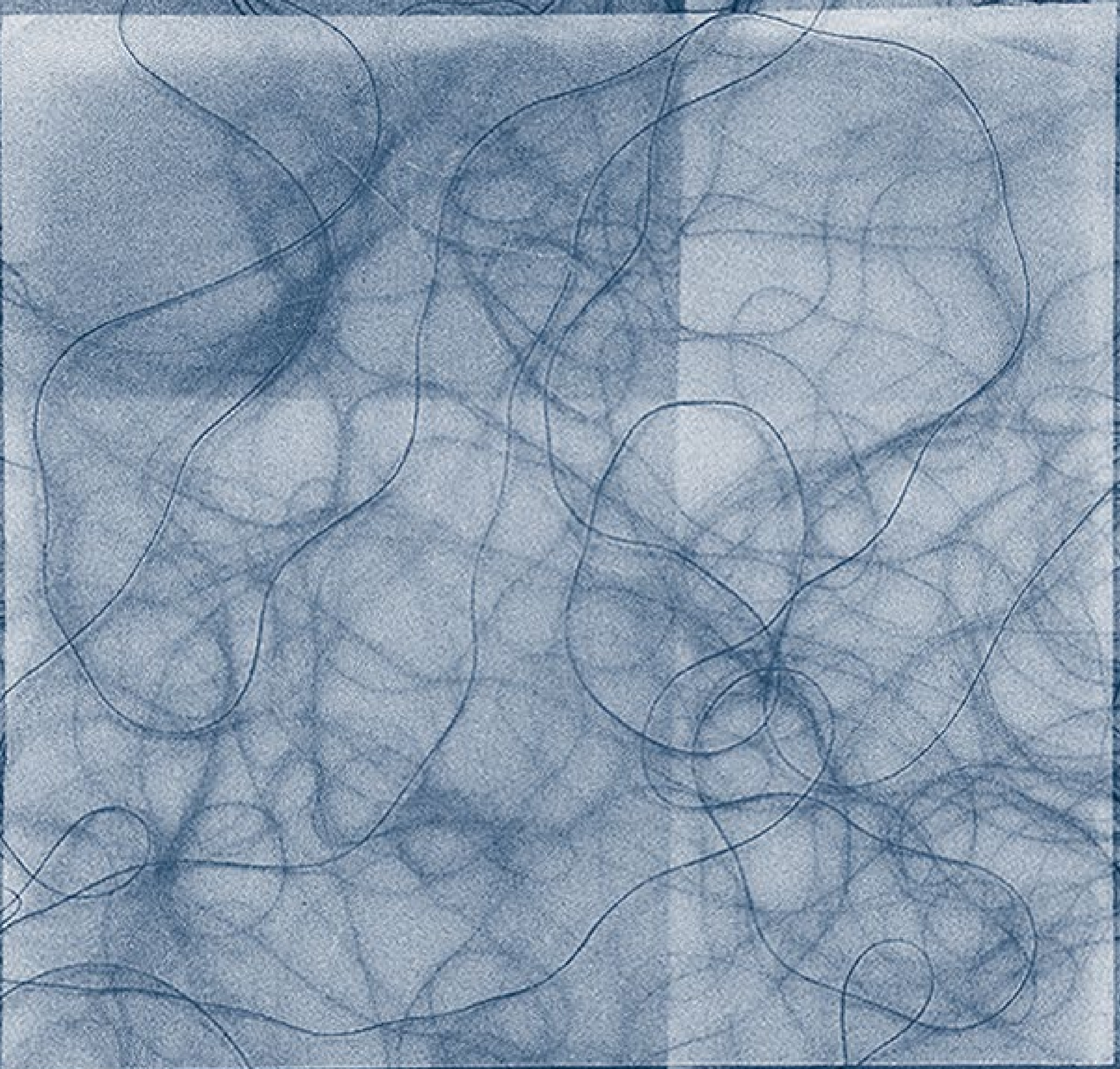


CUSTOMERS





MÚTUA
COSTURAS
ANTONIA NAYANE
AZIZA EDUARDA
LINA MINTZ
MARUAIA
RENATA DELGADO
SARAH COELI
QUEM SOMOS
FICHA TÉCNICA

*Clique sobre o nome para ir para a sessão

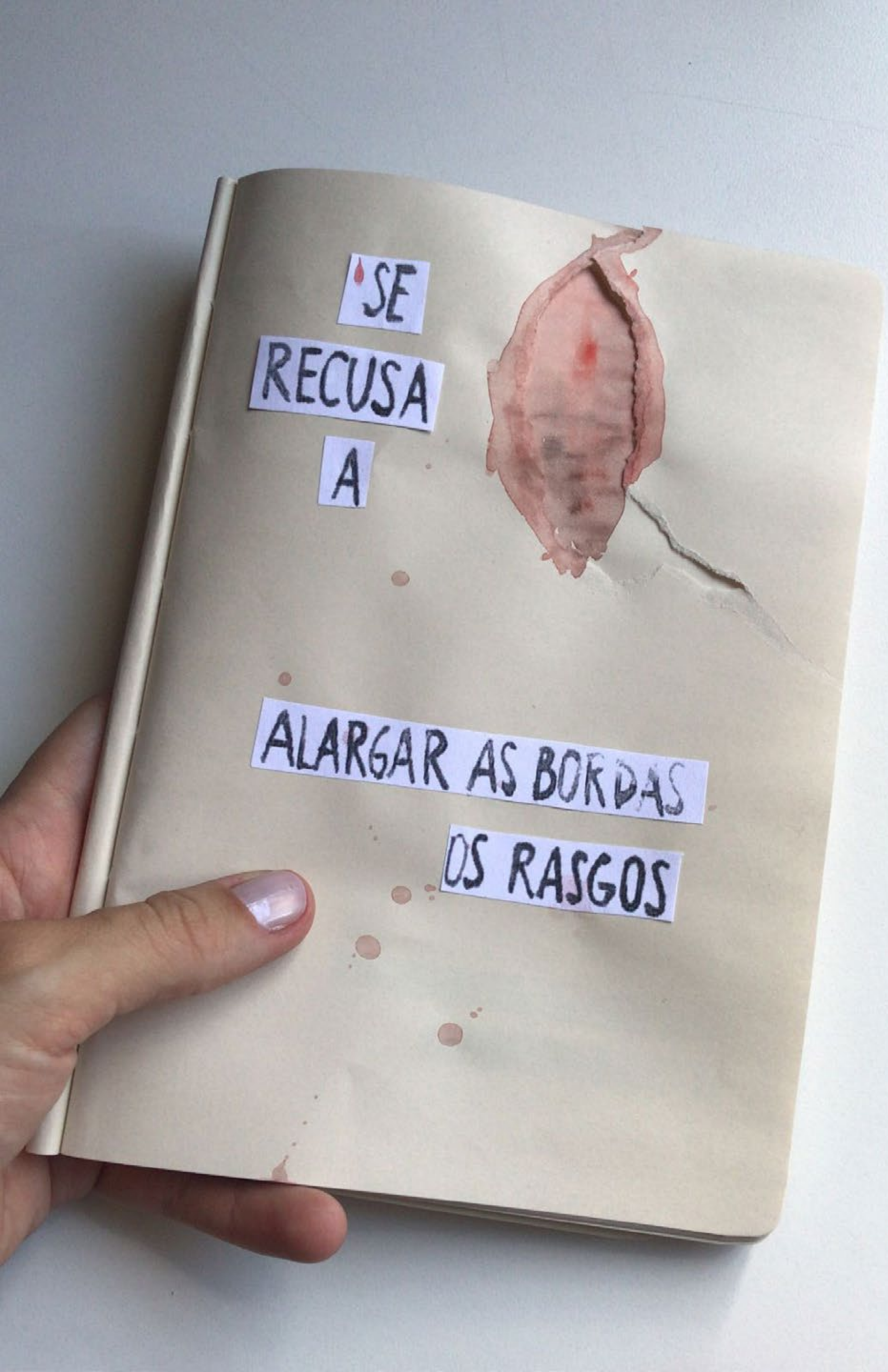


MÚTUA . POÉTICAS DO ENCONTRO
por Catarina Maruaia e Lina Mintz

Na segunda edição do Poéticas do Encontro, foi realizada uma proposta de residência artística durante os meses de abril e maio de 2023. A equipe do projeto é composta por um grupo de seis artistas visuais: Catarina Maruaia e Lina Mintz, artistas anfitriãs e idealizadoras do projeto; Renata Delgado, artista convidada; e as artistas selecionadas por meio de convocatória aberta, Antônia Nayane, Aziza Eduarda Xavier e Sarah Coeli. As artistas contaram, por sua vez, com a orientação da Julia Panadés que forneceu olhar atento ao longo do processo.

Os encontros se deram de forma híbrida. Semanalmente as participantes se reuniam para compartilhar reflexões, processos de criação e ideias para a



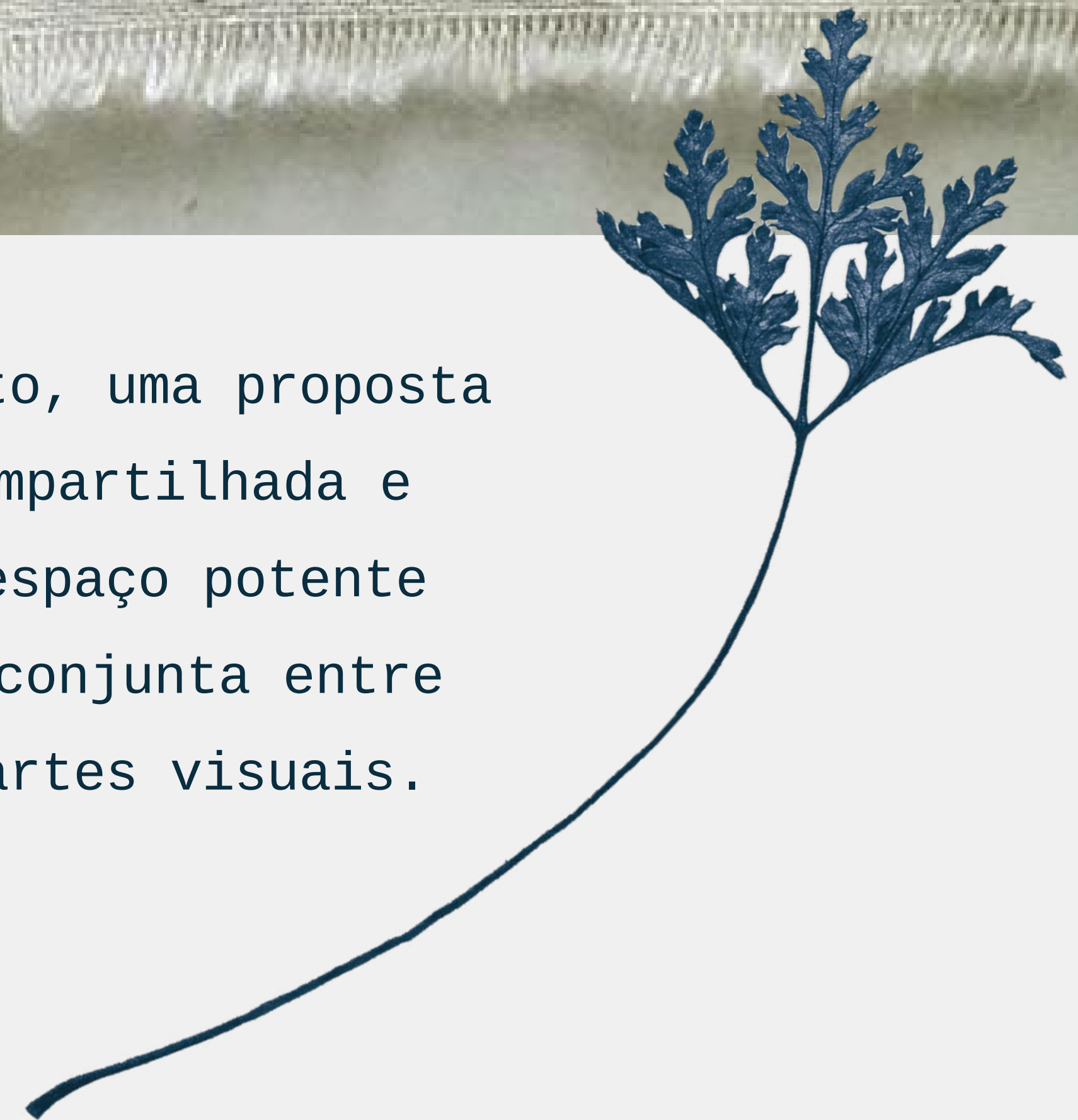


realização dos trabalhos. Foi realizado também um período de imersão, no qual as artistas tiveram a oportunidade de aprofundar as trocas e os processos artísticos, com condições adequadas para concentrar e desenvolver as propostas, além de ter acesso a materiais para realização dos trabalhos.

Ao longo do processo, foram realizadas quatro aulas/lives com artistas convidadas, que possibilitaram a oportunidade de ampliar o diálogo e aprofundar em temáticas específicas. Foram elas: Performance Art com Génova Alvarado; Pintura, arte urbana com Yanaki Herrera; Mercantilização na vida real e na arte com Flaviana Lasan; O processo de escrita de projetos artísticos e culturais: editais e chamadas abertas com Maria Vaz.



Mútua é, portanto, uma proposta
de criação compartilhada e
se revela um espaço potente
de construção conjunta entre
mulheres das artes visuais.



SARAH COTI E S C R I T A
Repetição. Ruína

NO CA L I Z A R
Camada Fala Voz

— OS JOM DO TEXTO —

LINHAGEN Matéria

curva TEMPO

autonomia da matéria na condução.

ORAÇÃO.

PRÁTICA ODE

do barro ou INSCRIÇÃO.

agulhas frías

NOME TÁTIL

ligação Ruptura

TRANSMISSÃO.

do que eu sei
do que não sei.

A
C
O
L
H
E
R
C
A
M
A
D
A
S

CATARINA MARUATA

EXPERIÊNCIA - CORPO
CORPO
CORPO
CORPO
CORPO

BARRO

VIDA - MORTE

NOVO - CHÃO SAGRADO

NEGACÃO AFIRMATIVA

violência prazeres

REPENSAR afeto

Peso do ovo

REINVENÇÃO VOO

liberdade herança dor

experimental Brecha

VITAVIDE de

ESPIRITUAL Reinvenção

DO MISTÉRIO Habitar CORPO NO MUNDO

V U L V A

F O R N O

V A Z I O

V A S O

POTE

ÚTERO

● Lina Minz

Coletivos CORPO em Movimento

Encontros propositivos

Inclusão Virência

Intriga Possibilidades

Integra Entrega Intencional

Ensaio com mulheres

Como se desenha o trato

o autorretrato - contáreis

Retrato paradoxo

comum

ESPACO TEMPO

IMAGEM pensamental

SEQUENCIAL movimento

DOS MOVIMENTOS

Reflexão.

ANTONIA MUNIZ

2 pesquisas FUNDAMENTAIS

ROSTA

OPERATÓRIO MUTO RETRATO

FISSURA

NECESSIDADE CONTAR EXPERIÊNCIA DAS INTENSIDADES

REELABORADAS EM ABRACOS E CRINAS

Tudo

Resguardo

Compressa globo cirúrgico

Cetim, manganga, mitos

CHAMAMENTO pesquisa

Agulha

Flecha FISSURA

Boca

PRONTUÁRIO DELA MATERIAVIDADE

POEMAS

FUNDAMENTO

MISTÉRIO

INFINITO

PO DE DI ZER

humana VISUAL

RENATA DELGADO

EDUCA A EDUCAÇÃO

COLEÇÃO

experimentação - CORPO

ENCONTROS VIAGEM PESQUISA

CONSTRUA PROLÍFERA

ESCUTA SENSÍVEL

PERFORMA MÚTUA

REGISTRO DE MULHERES

HISTÓRIAS SABEM

ESCUTA GRÁFICA

Sobrepõe

Serviço

Anulação

Invisibilidade

Relevância NATA

PERFORMA CORPO dança

autorretrato

TRATO

RETRATO

A FICÇÃO TRAMA

CONTEXTOS

REINVENÇÃO INSPIRATIVA TRANSFORMADORA

de como se dão no da mos.) como?

ESCOLHER - RETRATAR MANUATU

Fotografia vivencial

AZIZA EDUARDA XAVIER

Registro Afetivo Prospero

Relações Alcanças Vinculos Anteriores Atuais.

Como nome? PARÁNDROMO.

VORTICE Futuro

Petros Novos

colagem - Tudo o que eu toco

e ou ro

Coragem

Compositiva i m a g i n a

experimento

entre línguas

PINTURA - FOTO - COLAGEM

CORTE COM CUBRE ROVER

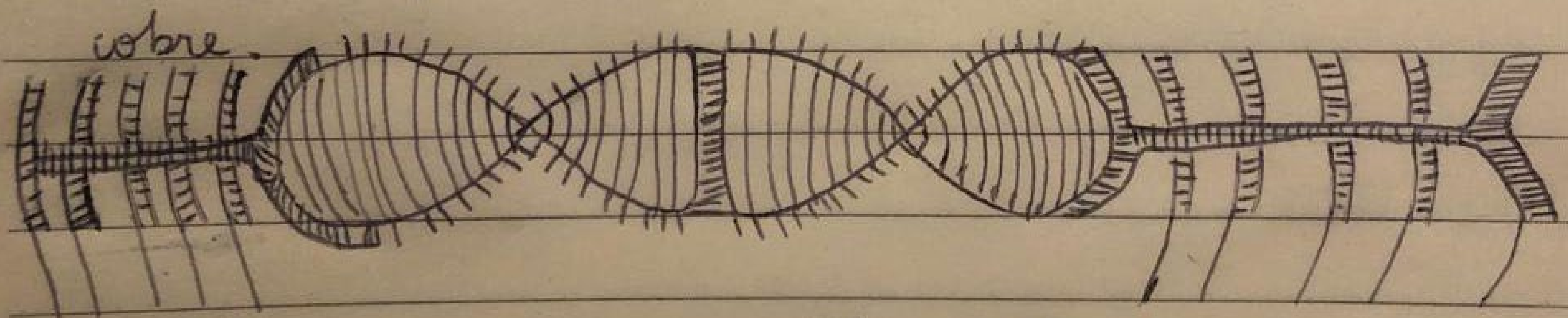
IMAGINATIVA

COSTURAS

por Júlia Panadés

Encontrar o fio do esquecimento. Lembrar-se
Dar encontro ao desencontro, escrever ao
Oco do vazio, vazios. Deitar o corpo, enquer
o sono como um lençol ao vento.

A primeira letra, faísca da palavra,
avo do mundo, a primeira anciã. Eu me
cubro para não sentir frio, meu ^{arrepio, é} ~~primeira~~
a sua pele. Eu sinto no tacho de



O inoperante da operação. ~~Marginalidade~~

A ferramenta frágil. Ameaça da quebra ponto a
ponto, O tecido entre os dedos ~~deve~~ ~~vampiro~~
~~por dentro~~ ~~dentro~~ Matéria tecida. Mostra-se
o fio, a pele. Enovelando gestos ~~enovelando~~



Mútua é o nome de um laboratório expressivo de troca, reciprocidade e partilha. Fui convidada como artista orientadora para acompanhar um grupo de seis artistas residentes por um período intensivo de três meses. Pelo sim ao convite, conheci uma mutualidade de pequenos gestos, um processo sendo feito por mulheres, entre mulheres, na largura dos dias. Os feitos foram sendo através dos encontros presenciais, das redes abertas, dos mergulhos solitários, das vivências coletivas, dos estranhamentos, dos entranhamentos, dos fracassos, das afinidades, dos apoios, das edições, das publicações, como a mostra de processo que nos convida hoje ao inaugural da partilha, ao recíproco da troca.

Mútua é a qualidade do que se dá e se recebe em reciprocidade, como a relação entre a linha de costura e o rasgo. O vai e vem é uma espécie de reciprocidade das margens vinculadas pelo fio, a deslizar no ziguezague de um ponto ao outro. A agulha leva o fio, atravessa os tecidos, faz a laçada do nó atado à carne da trama. Detido de seu livre curso, o fio retorna, torna-se tensão em movimento: é esse o teor do gesto. O fluxo se aninha e se ancora no rastro da costura. Toda a condução da fibra é a crina fiada, a selvageria a passar pela fenda do metal pontiagudo. A condição de coser dá ao fio sua participação na trama, ajunta a fissura, sutura as partes, repara o rasgo. O gesto restante faz do resto gestante uma condição de superfície, cerzidura, cicatriz.





Mútua é a placenta, superfície de troca e filtro protetor, fusão das membranas fetais e da mucosa uterina. Ela é entremeio, vínculo nutritivo com o começo de uma vida ainda embrionária, estrutura vascular gerada pela gravidez, órgão transitório nascido para cada gestação. Pode ser considerada, nesse sentido, um duplo matricial do feto, mas um duplo sem semelhança, coincidindo com o feto na duração do espaço-tempo uterino, gestacional, até o ato em desato do parto. Mútua é a cena do parto conjugada no simultâneo partir e parir.

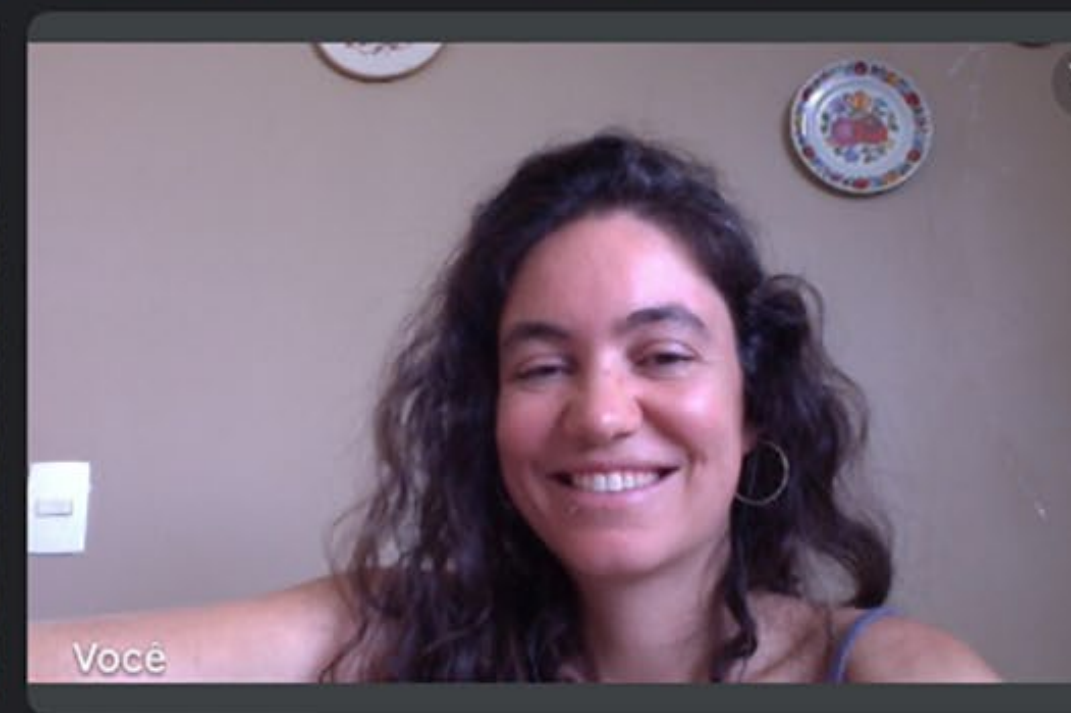
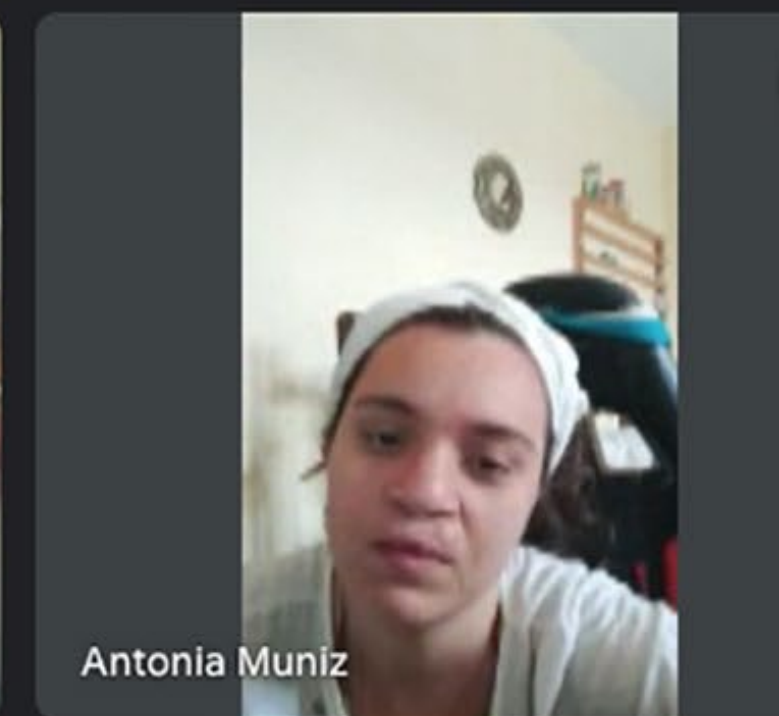


Da raiz etimológica de “parto” deriva uma linhagem de outras palavras no sentido da divisão, nas ações de dar e fornecer, implicando a reciprocidade das partes. Pertencer (tornar-se parte), participar (tomar parte), partilhar (dar parte). A convergência entre as partes (pertencidas, participadas e partilhadas) encontra, na experiência do parto, a marca de sua abertura, seu término e termo, seu potencial criador de começos, vínculos, alianças, cuidados. Mútua é a visão entre as partes no instante inaugural da partida. Com o desprendimento do corpo parido nasce a necessidade vital de novas alianças, relações, conjunções, composições. No termo arcaico partum, etimologia latina de “parto”, está expressa a amplitude generosa do termo, conjugando mutuamente os processos de parir, dar à luz, trazer ao mundo, gerar, produzir, criar, inventar, doar, ofertar, passar adiante, distribuir.



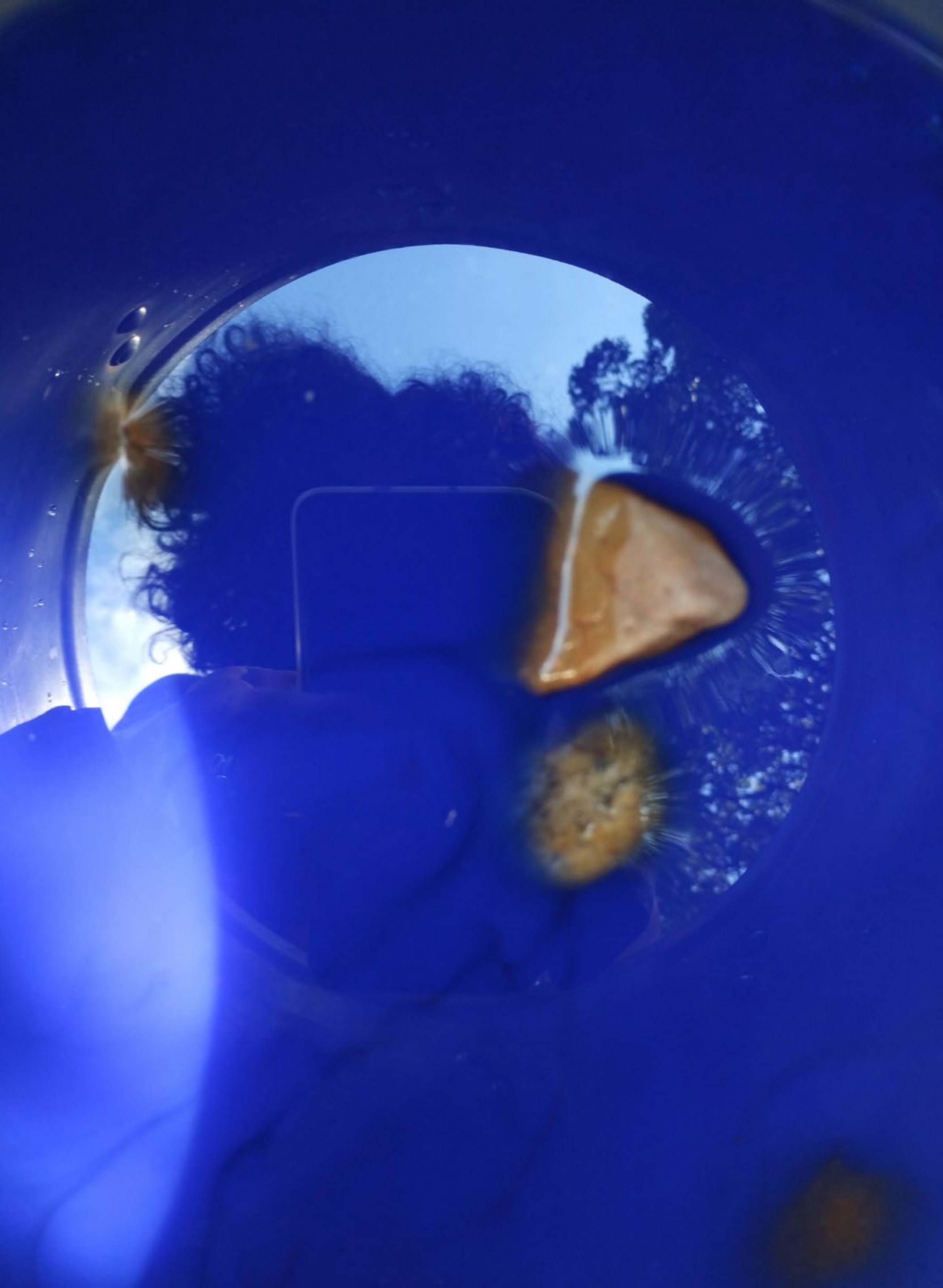


Mútua é uma mulher. Como caminho de pesquisa, uma mulher se conjuga no plural. Mulheres são ancestralidades, abertas pelo ninho de filiações, em tramas de linho, em ritos de cura, em gestos de reparo, em casulos, em de memórias fabuladoras. No coletivo de mulheres, cada mulher encontra o impessoal fio do esquecimento. Mutuamente, ela se lembra: é preciso dar encanto ao desencontro, pedir ao oco do vaso o vazio. Deitar o corpo, a nudez crua, erguer o sono como um lençol ao vento. Sonhar a primeira letra, faísca da palavra, avó do mundo, anciã em seu tacho de cobre. Ela se cobre para não sentir frio, o arrepio é a sua pele.



Mútua é a riqueza em mãos desprovidas, elas trocam tesouros numa orquestra de restos, e nada pedem que não possam dar. A poeira enovelada em fio, o fio provedor da trama, a trama a cobrir a pele, a pele aberta em nudez recém-nascida. A ferramenta frágil tece, ponto a ponto, uma ameaça de ruptura, uma inoperância na operação. Mútua é a matéria entre os dedos, fibra e barro, a encarnar lentamente o começo pelo meio: o poema ao silêncio é anterior ao nome, a contemplação noturna gesta a face clara da manhã, a matéria repousa em sua própria cura. Envoltórios, espirais, ninhos, romances, a linguagem geracional está sempre com as mãos postas, ofertada em concha.





Mútua é a distância deitada entre o céu e a terra. Na anterioridade póstuma do horizonte criador, um veio d'água entre as pedras dissolve o azul em ouro negro. Os olhos abertos e fechados enxergam os búzios, espelham a visão do infinito, espalham as raízes ao centro magmático da terra para impelir os ramos em direção ao sol. Mútua é a mulher nas mulheres, a vitalidade geradora a se abrir em flor, em fruto, em semente. Somos a reinvenção do ovo, somos a meditação do cuidado, somos o inacabamento da continuidade, somos a vazão do vaso, somos o palíndromo desse mergulho.

para Antônia, Aziza, Lina,
Maruaia, Renata e Sarah.

31 de maio de 2023

HERANÇA

O QUE SE APRENDEU OU FOI TRANSMITIDO
TRANSMITIDO PELOS GENES
O QUE SE TRANSMITE PELO SANGUE



“Mundiada”:

Há, no meu processo criativo,
a itinerância. Crio, sobretudo,
porque sou capaz de me mover
em diversas dimensões e
temporalidades. É o movimento
que ergue a criação, uma criação
embevecida pelo dinamismo da
vida. Que nasce do mistério,
do saber ser cósmico. Cadência
dos metais líquidos da Terra.
Magma da memória. Composição
infinitesimal das estrelas. Crio
porque sou criação e criatura.

“**Mundiada**” é itinerância pelo breu do silêncio. Sussurro do que vive no fundo. Um calar-se profundo de um mergulho. Uma visagem que se enxerga nas frestas da visão. Um sonho colhido das águas. A mudez capaz de ser reza. Encantados dançando entre missangas. Versos e costuras por onde refaço meu mocambo e sintonizo as vozes da minha linhagem no timbre da minha garganta, na agulha que seguro entre meus dedos.





as palavras do mistério
tudo que desce sob m
as mãos que ~~placem~~ pupila
permitem a silêncios para
depois o sono
que respo da terra p
costas de lágrimas
olhos d'água
~~placem~~ m
cuja ~~velas~~ artéria ~~vele~~
Água doce
~~placem~~

sonríe misteriosamente
quanto largo da terra pupilo plantados
encare

~~em as palpebras da casa~~
palpebras da casa despertam de
mistérios

as pálpebras do mistério
tudo que desce sob m
~~os olhos que se abrem~~
permitem a visão para
depois o sono
que nasce da terra pur
cobertas de lágrimas
olhos d'água
~~olhos que se abrem~~ murchos
cuja ~~visão~~ anterior recebe
água doce
~~olhos que se abrem~~

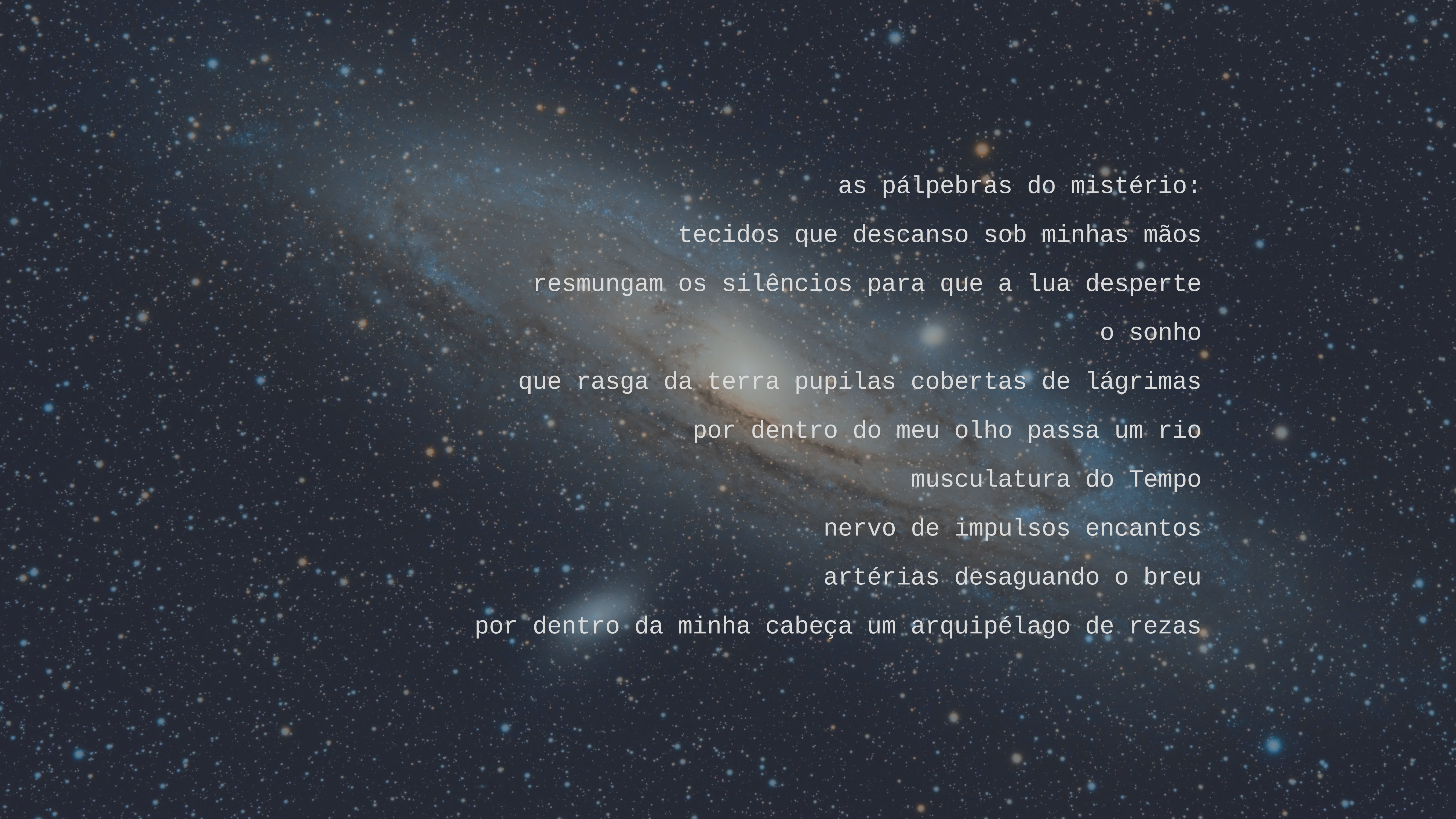
...os mistérios
...a nãga da terra pupilos
...he

...as pálpebras da cara
...pálpebras da cara despertam de
...os mistérios

as pálpebras do mistério
tudo que desce sob minhas
~~as mesmas que plantam pupas~~
permitem a atenção por ~~de~~ que
despente o sonho
que nasce da terra pura
costas de lágrimas
olhos d'água
~~para lá de~~ músculo
cuja ~~antena~~ anterior recebe
água doce
~~uma~~

Sempre misterios

Quando nasce da terra pupilos plantados
e curvos
e
~~em os palpebras da casa~~
os palpebras da casa despertam de
sempre misterios



as pálpebras do mistério:
tecidos que descanso sob minhas mãos
resmungam os silêncios para que a lua desperte
o sonho
que rasga da terra pupilas cobertas de lágrimas
por dentro do meu olho passa um rio
musculatura do Tempo
nervo de impulsos encantos
artérias desaguando o breu
por dentro da minha cabeça um arquipélago de rezas







AZIZA EDUARDA

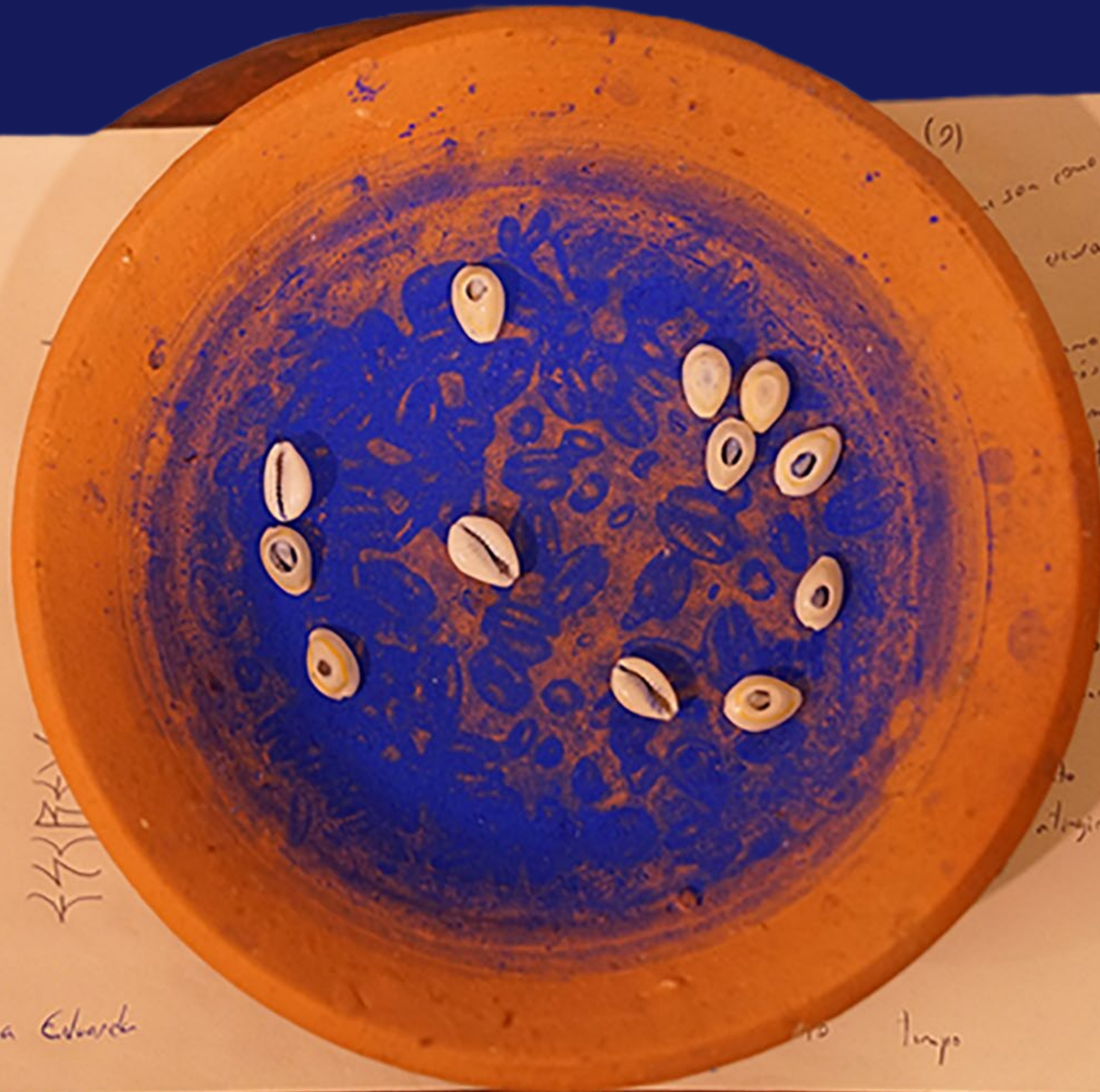
“a casa de Orí” é um processo de investigação multilinguagem que traz como tema central o encontro de negros em diáspora com sua ancestralidade. Orí, que é orixá, é também o destino escolhido por cada um antes de vir ao mundo. Conta um itan iorubá que cada pessoa escolhe na casa de Ajala, oleiro, sua cabeça e conseqüentemente o seu destino. Desse princípio é feita a primeira peça em terracota.





Pensar ancestralidade africana é de fato imergir em águas escuras, do índigo ao preto. Nesse segundo ato, Orí ganha tons de Wàjì e é a figura que toca sutilmente a cabeça de sua devota. Na dualidade presente na pintura, podemos ver África e Diáspora, Ayê e Orum, Orí e Ile Orí. Enquanto elemento escurecedor, o índigo é tecido que recobre a escrita em imagens noturnas. Daí a proposta de título “Escrever no escuro” - citação de Conceição Evaristo. Pensar o caminho de retomada é relembrar a prosperidade, assim como a casa de Orí (Ile Orí) é coberta por búzios, a figura que recebe Orí, casa de seu próprio destino, também é.





(2)

son como jazz

veras

amor eterno

hís

menta

tre o

no nuevo,

cinco o un

rales

ambien

atrayen or

W.P.

Aziza Edwards

Time





Mais do que qualquer coisa, os momentos de troca, conversa, diálogo e atravessamentos coletivos são o que me movem a produzir, a propor experiências como essa. Desde 2013, quando realizei minha primeira experiência em arte e produção, A Mulher e a Raiz, o encontro entre mulheres vem sendo pautado como ferramenta de construção de conhecimento, de criação artística imagética e de significados. Essa residência de 2013 aconteceu na Lapinha da Serra e a base da pesquisa era a troca com mulheres da cidade: lavadeiras, cozinheiras, parteiras, raizeiras, suas histórias e vivências. Nesse processo, Renata me apresentou para Catarina e demos início ao percurso do Coletivo Naiá.

O Coletivo Naiá, antes de tudo, foi um espaço de compartilhamento e crescimento conjunto entre nós três - Renata, Catarina e eu. As pautas das nossas reuniões não se limitavam ao trabalho do coletivo, mas passavam por assuntos relacionados a questões de gênero, maternidade, arte, mercado de trabalho, objetivos de vida, dificuldades e opressões, planejamento de vida, relacionamentos, organização da rotina, amizades, segurança financeira, sonhos, objetivos e desejos, entre outros infindáveis assuntos e possibilidades de troca. Uma estava sempre auxiliando a outra, fornecendo opiniões e sugestões em seus percursos, trabalhos e escolhas.



No período de 2015 a 2020, realizamos o projeto Mulheres em Círculo, um mapeamento fotográfico. Ele veio do desejo de ampliar essa vivência para a troca com outros agrupamentos formados por mulheres. O objetivo era ampliar o diálogo, conhecer outras realidades, entender outros formatos. Fomos, então, ao encontro de 55 iniciativas que fortalecem mulheres na cidade. O ponto alto, para mim, foram os momentos que





chamei de “café com bolo”,
nos quais levávamos um
lanche, nos reuníamos
em torno de uma mesa e
conversávamos sobre os
trabalhos desenvolvidos,
as questões, dificuldades e
melhores histórias de cada
uma daquelas mulheres e
propostas mapeadas.

O Mútua, por sua vez, é um desdobramento desse processo, agora focado nas mulheres das artes visuais, mas que não perde o que há do convívio, do estar junto, do ouvir as histórias, contar as suas e se nutrir pelas trocas, pelas vivências e fazeres das demais artistas com quem compartilho o meu fazer. Foram encontros de muita abertura, confiança, desafios de produção, encontro e conciliação de vontades e desejos, além de muitos aprendizados e possibilidades de expansão.







MARUAIA

Residir: morar, estar estabelecido.

Residir no processo, em convívio com outras. A experiência exige preparo, um descanso da realidade cotidiana, a fim de se estabelecer um outro estado de atenção. Recolho imagens de uma tia morta, reportagens de uma escolha trágica, objetos de memória familiar. Reúno e organizo materiais de arte, possibilidades disponíveis à presença da criação.



Residir: ter seu lugar.

Residir na criação, estabelecer espaço de mergulho tendo vizinhança. Os processos dialogam, se encontram, se afastam, se ajudam, se atrapalham. Estar entre mulheres criando em uma dinâmica cotidiana de preparar o alimento, comer com companhia, manter os próprios rituais de higiene e sono, estabelecer momentos para falar sobre as pesquisas, compartilhar intimidades, aquietar-se. Descobrir seu funcionamento individual, seu tempo e modo de criar em meio a outras.



Residir: ter seu fundamento.

Residir na história. Buscar narrativas, inventar memórias. Redesenhar imagens consolidadas no pensamento como as estátuas de mármore, repetir gestos. Ritualizar fazeres cotidianos. Performar. Observar registros. Escutar com o corpo inteiro as pistas que o vazio dá. Abrir caminhos para assentar meu corpo fêmeo no vermelho intenso e vivo que faz apelo à vida. Desnudar. Criar espaço para inventividade. Restabelecer o chão, ao caminhar [re]escrevo história.







Obrigada pela paciência.

Me roubaram a fala e já nem sei se conheço a minha voz.

Me roubaram a expressão autêntica e há muito não sei ser eu mesma sem ajuda de substâncias que me embriagam e retiram o filtro da moralidade sobre meu corpo de mulher.

Me roubaram o afeto, corromperam o que imaginava ser afeto, me ensinaram a amar a violação da minha dignidade.

Me roubaram a beleza, a alegria e a vivência positiva entre mulheres.

Me fizeram sentir inadequada a maior parte do tempo.

Me fizeram acreditar que a linhagem de todas nós estava fadada à paralisia.

Mas não quero que me roubem a juventude.

Eu me recuso a morrer em vida.





RENATA DELGADO

Pause por um instante
Respire profundamente.

Vou te fazer um convite:

Um convite a acessar lembranças
Daquelas que nem sempre queremos
lembrar

De perdas que deixam saudades
Das dores que ainda doem e que você
foge de sentir.

Respire.

Agora, se atente ao seu corpo.

Quais sensações estas lembranças te provocam?

Um aperto no peito...

Um incômodo...

Uma tensão...

Onde?

Sua respiração mudou? Como ela está?

Existem águas? Como estão os seus olhos?

Respire.

Se atente às sensações.

Deixe a mente de lado por alguns instantes, ela tem o tempo dela.

A quanto tempo você não permite
que seu corpo seja o seu guia?

Sinta! Respire e sinta!

O luto é sobre travessias para se deixar ir.
Para soltar.

Morte e vida coexistem. Caminham lado a lado.
Futuro, passado, presente coexistem.
Sendo assim, como @ adult@, criança, anci@
que você é se acolha.

Qual é o gesto que seu corpo te pede agora
para se acolher?
Faça!

Respire e faça.

Respire e celebre a sua vida em sua honra e
em honra de quem/do que se foi.
Do que se é.



“Anatomia do luto” é uma pesquisa/rito/performance de busca por materializar sentimentos provocados por experiências de perdas. É um espaço para deixar o corpo expressar intuitivamente o sentir. É um convite para trazer para a pele, para o gesto, para a superfície: a expressão. É aquilo que muitas vezes não é compreensível à mente, mas necessário ao corpo para dar vazão, resignificar, compreender, seguir em frente.

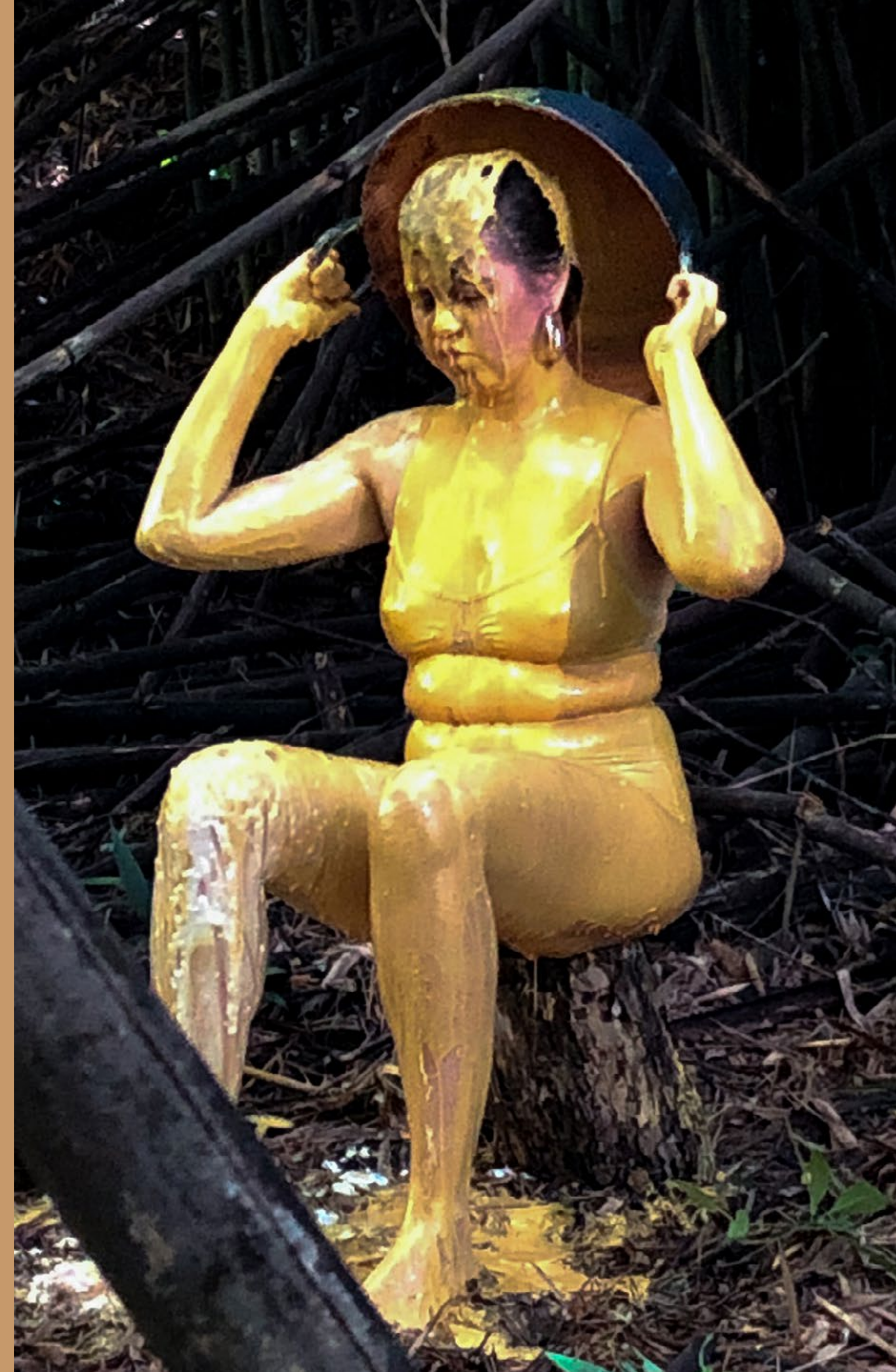


Anatomia do Luto I - trazer à pele o sentir.

Um convite a lembranças dolorosas da experiência de testemunhar a perda de capacidade motora de minha avó.

O local, um bambuzal que atrás de mim estava já ressequido morrendo e, em minha frente, verde, nascendo.

A ação: passo uma matéria orgânica pegajosa em meu corpo, na intenção de gradativamente cercear minha capacidade de movimento. Simbolicamente adicionando e depois retirando uma pele que não é minha, deixei a expressão acontecer de forma caricata e intuitiva. Uma performance de aproximadamente 2h que me colocou em contato com sentimentos, gestos, memórias que evitava recordar. Performar para diluir raivas, ressentimentos, culpas.



Anatomia do Luto II - Trazer as águas

Contemplo. Fluo.

O espinho da rosa me fura o peito.

Sinto. Aquieto.

Evoco o movimento das águas internas.

Em um tempo dilatado, me propus a entrega,
a aceitação do que foi, como foi, e não
como eu gostaria que tivesse sido.





Anatomia do Luto III - Nutrir

Recordo a memória da última frase que tenho em mente de conversar com minha avó, ela me pergunta:

“-Quando você vai vir para gente fazer doce de leite?”

Faço então o doce no tacho de cobre, herança.

Durante, aproximadamente 5 horas, acendo o fogo do fogão a lenha, preparo os ingredientes e mexo em movimentos circulares, pacientemente, cantando memórias afetivas de experiências de alegria, sorrisos, boas conversas e rezas junto a ela. Me nutri e partilhei o doce com outras pessoas, num gesto de adoçar o amargo que o luto pode trazer. Me nutri, me acolhi.

Esses foram os gestos da adulta, criança, anciã que sou.

De mim que sou neta e também sou ela, minha avó.



Qual é o seu gesto?

Faça.





AZIZA

registro afetivo do povo preto

- "Pelos Novos": Uyrá Sodoma
- + Rosana Paulino: colagens

«TUDO QUE EU TOCO É OURO»

projetar possibilidades férteis para pessoas negras

* os dedos dourados de nossas

ANTÔNIA

«FISSURADA»

lábio leporino / o lugar do hospital
registros: autorretrato

nunca houve uma intenção artística, mas
uma necessidade

"anomalias do rosto do crânio"

— o frontuário

olhar para minha trajetória na terceira pessoa

buscar a textura (materialidade) da hospitali-
zação: gaze

«COMPRESSA»

- o resguardo . operatório
- o gesto cirúrgico

— CUMAMAMENTO DE PATELANÇA

imagens fundamentais: da experiência

trabalhar a agulha como a flechada:
as duas pesquisas se ~~se~~ tocam

relação com a saúde, o resguardo

"me tornar uma cirurgiã do mundo
dos encantados"

CATARINA

um assunto inesgotável

mulheres que eu quase não conheci:

o lugar da mulher no mundo

as violências: marcam o corpo — negação

— me dar uma nova possibilidade de
ser mulher: um novo corpo.

"eu tenho muito mais memórias e narrativas
da dor"

dar, para aquelas que não estão mais aqui,
uma memória de afeto: como

"eu me parecia muito
com ela"

- poncia vicêncio; Lorena d'Arc; ~~flávia~~ flávia leme

- vovó esther: ~~seu cabelo é igual o dela~~

— será que vou terminar como ela?
(adecida na cama, 70 anos)

«O CHÃO SAGRADO»

a cosmogonia do pote

candonblé: as experiências com a n. a.

o corpo modelado de barro.

reencontro com a morte: outros significados

"o meu pote é forno para a queima
das máscaras dele"

um caminho entre a violência e o afeto
a reconstrução do corpo

RENATA

performance

registro das histórias: escutar

"o saber que tem a ver com a vida"

trama: vai e volta milhões de vezes

ocupar espaços vazios: em ruínas, inabitados
recortes na paisagem (arquitetônica) — brígida
baltar

~~"a mulher e o lar"~~

LINA

fotografia

"a mulher e o lar" — recuperar a casa
com o corpo.

encontros mais propositivos

a fotografia: em troca, com mulheres, com
espaços.

autorretrato: sobreposições

— as contradições: to como conceito

"trazes mais comunicação reflexivas com as imagens"

Retratos: dentro das contradições de cada uma

EM TORNO DA MATÉRIA

o corpo e a experiência

a voz: um pouco mais quente
do que a escrita.

num espaço inicial

lidar com o tempo

— um exercício de nota: ^{um} universo
do tema e da teima.

a insistência

se deixar levar pelo fulso da coleta

a coleta dos dias

o que me lança

o que me edoca

o que me aproxima das coisas

a captação

NOTAÇÃO

do que me chama, que me faz parar

o caderno

como uma superfície

de recepção

ler o tema como ele está se formulando

no conjunto das notas

[código de linguagem e matéria]

há muitas tangências entre as nossas
matérias.

mostrar mais
a raiz
as extensões
a atmosfera
das tangências

criar um enxerto
transportar coisas de outros lugares

o ritual do diário
e aprofundar nas nossas superfícies

o que se partilha no caderno não é neces-
sariamente o que vai virar o mundo
em termos de imagens e de escrita.

anotação despretensiosa

uso não necessariamente linear, apesar da se-
quência de páginas, do caderno.



PEDRINHAS
E RISCOS
E MARCAS

combinações podem
surgir
como se a gente
tivesse entrado
num certo navio.

08.04

se tinha casa no mar
devia ter casa no vento também
minha mãe disse que tinha
... porque havia dentro do barco
dentro do barco tinha uma casa

pedaço de pano
um longo pedaço de pano que me provoca
pano de chão

a letra virou língua
no liso, no longe

colher
escolher
à colher
recolher
separar, extrair
juntar, reunir
separar fruto e fiores
ou folhas
retirar
pegar, espanhar
coleter
coleccionar
abrigar, escolher
receber

«por alguns segundos ficou sem saber
o que fazer, mas acabou seguindo
adiante, mais pelo impulso mecânico da
caminhada do que por uma decisão, o
movimento fazia com que as coisas se
reordenassem de forma incomum na sua
mente, sentia que pouco a pouco ia se
afastando de si mesma, e aquilo que
ela era se transformava numa roupa
que agora tirava, seu nome, seu passado,
o lugar onde morava, sentia que o corpo
adquiria vida própria, o corpo sabia coisas
que não contava a ninguém. ela olhava
em volta assustada, não tanto com o entor-
no, mas com ela mesma, com as palavras
que surgiam, o que estava acontecendo
com seus pensamentos?, era como se não fos-
sem dela, ou fossem dela desde sempre,

desde um mundo ANTERIOR, no qual
ela não existia, pensou, um mundo em
que o desenho do animal ainda era
o próprio animal, e bastava desenhar
a sua morte para que ele morresse,
a representação do ato invocando o próprio
ato, feito palavras mágicas, ou um mundo
mais primitivo ainda, no qual as coisas
ainda não tinham nome e se mistura-
vam umas com as outras, ela continuou
pensando, E SE O INÍCIO FOSSE UMA PALAVRA?,
o surgimento do mundo a partir de uma
única palavra, alguém pronuncia "mundo"
e o outro que ouve "mundo" e ambos
comungam desse significado, e se envolvem
nele, e o vestem como quem veste uma
capa que recobre o vazio, o início do
mundo apenas isso, uma palavra comparti-
lhada?, e veio-lhe então um pensamento

mais esquisito ainda, e se o início era
só uma palavra, o que garantia que
ela não perderia, de um momento ao
outro, o seu significado?, quando aqueles
que a compreendiam deixassem de
existir, restando apenas um idioma estran-
geiro numa capsula à deriva, hieró-
glifos, palimpsestos, e ela foi tomada
por uma onda de pavor, que pensa-
mentos eram aqueles, não eram seus,
não podiam ser seus, teria morrido, feito
a avó?, afinal, o que a diferenciava
da avó, que certeza ela tinha da
própria existência?, olhou em volta no-
vamente, talvez, se falasse com alguém,
pedisse uma informação, se respon-
dessem e' porque ainda estava viva,

mas e se a atravessassem feito um
fantasma?, preferiu não arriscar e
CONTINUOU ANDANDO. »



mais esquisito ainda, e se o início era só uma palavra, o que garantia que ela não perderia, de um momento ao outro, o seu significado?, quando aqueles que a compreendiam deixassem de existir, restando apenas um idioma estrangeiro numa capsula à deriva, glifos, palimpsestos, e ela foi por uma onda de favor, que momentos eram aqueles, não eram não podiam ser seus, teria matado a avó?, afinal, o que a diferenciava da avó, que certeza ela tinha da própria existência?, olhou em volta novamente, talvez, se falasse com alguém, pedisse uma informação, se respondessem e' porque ainda estava viva,

mas e se a atravessassem feito um fantasma?, preferiu não arriscar e CONTINUOU ANDANDO. »



HERANÇA: o que a gente recebe
um nome
uma imagem (semelhança)
uma história (triste, feliz, dramática)

« voltar, quase sempre é partir
para um outro lugar »

— a importância que o cabelo tem
encontrar/identificar: o vínculo, o afeto
[textura da cena: a brecha, o rasgo —
o pulso de vida que se mantém]

“ela nunca tá só”

EXTINTA - EXTINÇÃO
uma herança narrada

o cabelo como uma expressão externa
Rowland Atkinson

desaprender a chorar: aprender de novo

um corpo forte
viver o silêncio
ela que me ensinou a rezar
outra(s) reza(s)

eu ainda não tinha dado nome
o quanto de vida se perde quando
alguém morre: o que desaparece junto
a partida o distanciou do próprio
destino

DESTINO — DISTÂNCIA

« chão e destino andam em círculos »

— muito orientação: profundamente orientada
com qual herança eu vou voltar?

voltar com alguma coisa na mão:
a mão em via: como quem recebe ou
faz uma oferenda.

um corpo forte
meu corpo se remenendo, me dizendo que
alguma coisa precisa mudar.
« um processo estranho, de saber que eu
tinha que sair »

— o nome completo

tem coisa que a gente pode contar
tem coisa que não pode

“uma viagem que eu fiz: para casa”

a linha do fundo

um olho d'água, doce

eu tô andando e encontro uma renda no chão

procurando no sonho quem fosse me cuidar

essa falta de chão

o processo artístico: é a trajetória da vida
uma necessidade de narrar os aconteci-
mentos.

— a única coisa que eu consegui escrever

flutuar o caminho
na festa do destino

existe uma diferença entre o caminho
e o destino.

a flecha e a agulha

o que eu vou bordando é como se
fosse o caminho

a flecha é o destino: um modo de dar
continuidade

alguém tem que continuar.

— onde seu umbigo tá enterrado

o que eu tô construindo:
« eu construo sonhos bonitos »
fique estressada, nervosa, triste...
olhar coisas bonitas:

“enxergar a beleza onde meu coração alcança”

o tempo
vai mudando a gente. vai mudando os traços,
a acrescentando coisas.

eu nunca tinha pintado um feixe
no tempo
setonar os desenhos

continue se movendo: se você estiver num
lugar desconfortável, continue se movendo,
se você estiver num lugar confortável, con-
tinue se movendo.

SERÁ QUE CONSIGO MARCAR UM ENCONTRO
COM A CRIAÇÃO?

— escavar os textos
até chegar numa única palavra: reduzir
ficar com essa palavra e o que ela traz
de cor, de gosto, de sensações
registrar isso.

A MAGA

SOZINHA E TOTALMENTE RESPONSÁVEL
POR SI, A MAGA TEM AO SE ALCAN-
CE TODOS OS NÚMEROS DO TAROT: COINS,
OUROS, ESPADAS E PAUS. TUDO ESTÁ DO-
PONÍVEL E CABE A ELA DETERMINAR
O USO QUE FARÁ DE SEUS **ARCANOS**,
QUE MANIPULA COM A VARINHA QUE TRAZ
EM MÃOS. ESSA CARTA ESTÁ USADA À
UTILIZAÇÃO DO PRÓPRIO CONHECIMENTO
E DOS **RECURSOS** QUE APARECEM PELO SEU
IMAGINÁRIO CRIATIVIDADE, FORÇA DE VONTADE
E CAPACIDADES ÚNICAS.

ADVERTÊNCIA: EU DOMINO O QUE TENHO
EM MÃOS E REMITO A PARTIR DO MEU
TALENTO

42.04.23

cartografia da passagem do tempo na vida de uma.

RAIZ. eu sou aquele retrato tallado. pequena cordilheira de antiguidade.

14 DE ABRIL DE 2018

Sairam as pesquisas genéticas: 36%

36% angelina e 36% esther. 36% fi-

o que desaparece junto com

5 ANOS DEPOIS, O QUE SERÁ
QUE RESTA DE SUA MATÉ-
RIA, EM SEU SEPULCRO?
E O QUE DE SUA MATÉRIA
SE PARTIU EM PARTÍCULAS
PARA SER PARTE EM OUTRO CORPO?

até a raiz da minha cabeça.

olhando o tempo renascer

estão plantadas nossas avós.

pronomes possessivos e indefinidos diante de

nhairo. esse lastro, não se sabe de onde

seus partícipulos

responsáveis por todos os seus

de mentos. todos. pronome in-

definido, no singular, pode

vir acompanhado, ou não, de

artigo definido.

que a terra leva para lavar seus corpos

encontram bem aqui, no fundo desse chão.

36% terra. perguntar coisas à terra: ali, onde

um mesmo nome. todo corpo; meu corpo; nossos corpos.

vem o que se sabe e que todas as raízes se

dentro do meu quarto

um cavalo vela o meu sono

sempre que rompe a imobilidade

e o chão flutua a permanência

abraço sua crina

como se fosse o cabelo de novos tempos.

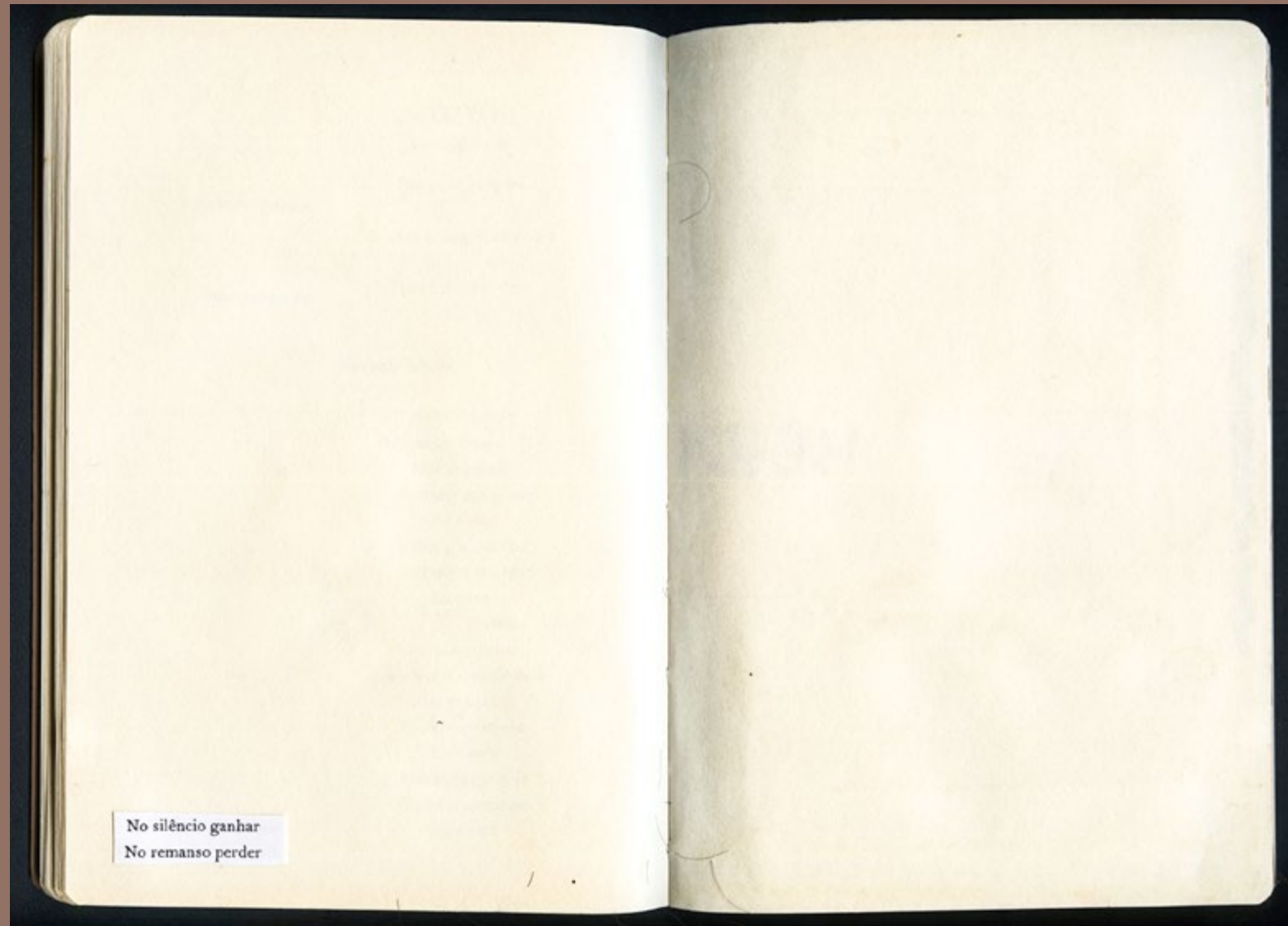
Antonia Nayane, em Abraço sua crina

como as sementes
que podem ficar anos
guardadas no escuro
longe de terra e água
protegendo as memórias
vitais para virar floresta
nós podemos ser tudo aquilo
de que nos lembramos.

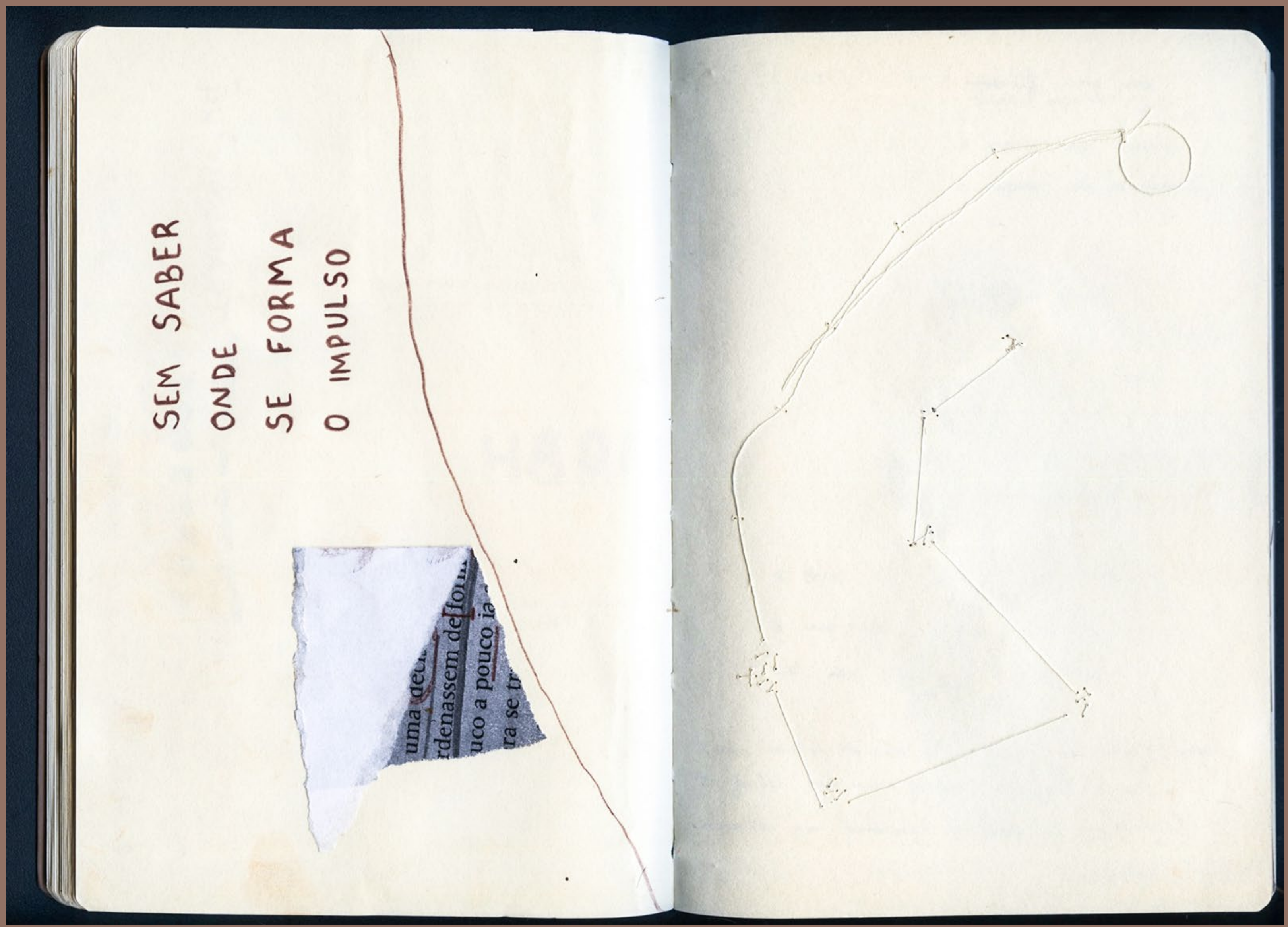




O QUE SE APRENDEU OU FOI TRANSMITIDO
TRANSMITIDO PELOS GENES
O QUE SE TRANSMITE PELO SANGUE



No silêncio ganhar
No remanso perder



SEM SABER
ONDE
SE FORMA
O IMPULSO

uma de
ordenassem de for
uco a pouco ia
ra se tr

ser em fluxo



tudo aquilo que
é capaz de mover
é capaz de renascer

esse é o final
mas também é o início
o antes e o depois

os ritos que dão vivacidade
e não fortificam.

A PELE DA TERRA É SEM COSTURA.

O MAR NÃO PODE SER CINGIDO,

ELE NÃO PARA NAS FRONTEIRAS

(como mestiza eu não tenho país... no entanto, todos
os países são meus porque sou a irmã ou a
amante em potencial de todas as mulheres)

mendieta

HERANÇA

costura, aprendida na infância com a mãe
um saber popular, transmissível no ambiente doméstico da mãe para filha
«estranho imaginário que faz intrigar»
imagens extremamente melancólicas, mergulha no mais profundo isolamento
para emergir transformada ao final.

recuar ao local mais íntimo dos afetos
vai buscar outro passado, uma outra genealogia
de nutre da memória pessoal e íntima, ou coletiva
despojadas de suas individualidades, afastadas de suas raízes

A COSTURA ADQUIRE SENTIDO VITAL — "corpo" tecido

poder do diálogo familiar
incorporar a homogeneidade
do diálogo acadêmico
primeira geração: meus pais
segunda geração: meus avós
e eu

construir um tecido de rememorações
unidos pelo fio doméstico da costura
a costura é o que une, de maneira frágil
o tecido de qualquer fio solto: demarcar
sobrepõe de camadas de identidades (brandas)

resignificar o imaginário, revisar paradigmas aparentemente
distantes. os organismos mais fora do padrão — a ideia do
METAMORFOSE dos corpos, da singularidade

escuro
rompe todo santo dia
escrever no escuro, no corpo

QUANTO MAIS ENTENDEO
PENSAVI MUITO INICIALMENTE
OS acontecimentos
ROMPIMENTO E RECEBIMENTO

— oportunizar as experiências por interpretar o conjunto
— sempre um elemento por ser um ponto

a luz da se desfazer

se mostramos que alguma coisa
começa
e veio a ser num dado momento,
então retiramos dela seu poder,
pois fica claro que ela não vigorou
sempre nem está destinada a vigorar
eternamente
isso é o procedimento
genealógico - deconstrutivo.
mostrar a gênese e deconstruir
e abrir novas possibilidades

Trabalho - diariamente em meio a montes de palha
eu fio as linhas de palha, que têm vida e se não é fio
as linhas de palha; os montes de meu poder parecem tons
escuras, uma adição de tons que avançam e se afastam
fio as fios pois não fio - ali fico um tempo, aí vou e
fio uma fibra seguinte, escondida no meio da palha:
e vou fio fio fio fio, e tanto, então também deixo a montes
maneira nova, que eu não tinha percebido - mas isso é muito mais
normalmente e que acontece um dia depois do outro e que
eu fio as linhas de palha, eu fio as linhas de palha, eu
fio a palha

é mal visto a palha
da sala por trás das
palhas que crescem,
estão sempre muito altas,
tons totais,
sufocantes,
montes enormes de palha.

COLETA DA QUEBRA

«transferir o peso de uma pessoa a outra ...
coisas que me dão a força dessa herança»
pessoa
herança

a forma como
o peso cresce
onde cresce
e a significação
que as civilizações antigas
se autogam

evocar o sangue pela escrita o tecido como

é a forma da vida ecoada em memorial

TUDO QUE DESENHA
NÃO CONDIZ COM MINHA LETRA

— CORPOS QUE SAEM DE CASULOS

a promessa da transformação

de prolifera livremente

a ideia de vida

organismos em transformação

repercussão

noção de vazio

AMARRAS

CINDIDAS

MISCLADAS

RECONSTITUI

uma avó sem rosto

fios: filés e algodão
costurar elementos

uma avó sem rosto:
ela tecia como nós

o ovo
e a herança

natureza subjetiva da matéria
recontar mitos

a humanidade primordial
se metamorfoseia
nos seres da natureza
são como nós.

a herança, os organismos,
as metamorfoses.

se mostramos o começo de algo,
podemos também decretar seu fim e proclamar

a vinda de alguma outra coisa

Busca da fisionomia
essa avó sem rosto

pedra: itaqui

"eu sonhei com uma gramática"

ficar sem um território
contava repetidamente

— a arqueologia que se faz

o juntamento de repertórios

MIRO

o corpo de barro

a incompletude da imagem

a impenitência da fermentação

o barro permite modelar essa identidade

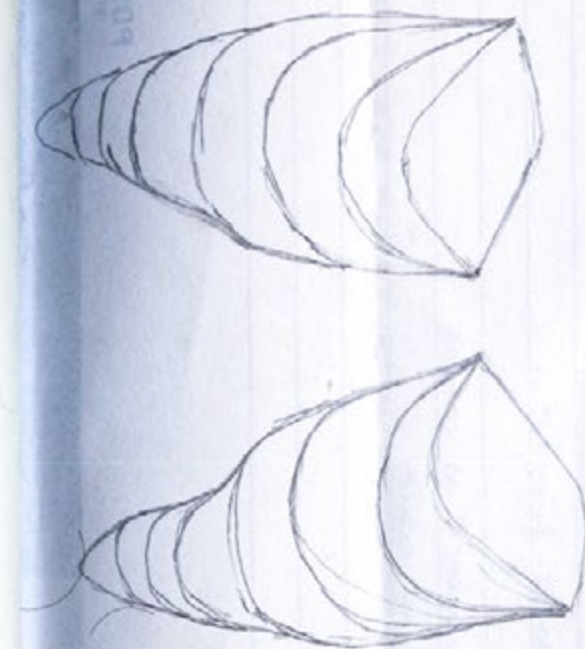
ponto do coração: é a ausência do rosto
ou a presença dele

"uma agulha fértil
alimentada pela raiz
onde estão plantadas
novas avós"



CÓSTELA - CASULO
PULMÃO

O QUE OSSOS GUARDAM
O QUE OS VEIOS TECEM



MECHA - ENTRANHA - FIO

VISCERAS VISTAS

O INOPERANTE DA OPERAÇÃO

A FERRAMENTA FRÁGIL

AMEAÇA DA QUEBRA,
PONTO A PONTO.

O (QUE FICA) TECIDO: ENTRE OS DEDOS
(A) MATÉRIA TECIDA.

MOSTRA-SE

O FIO, (O ÍNFINO)

(O ÍNTIMO)

A PELE

ENOVELANDO GESTOS

COM JÚLIA

o

envelar

envelar?

envelar

a

envolver

como

mucha?

CABEÇA

CABELO

COSTELA

COSTELA

CASULO

PULMÃO

PULMÃO

AR

ENTRAR

ENTRANHA

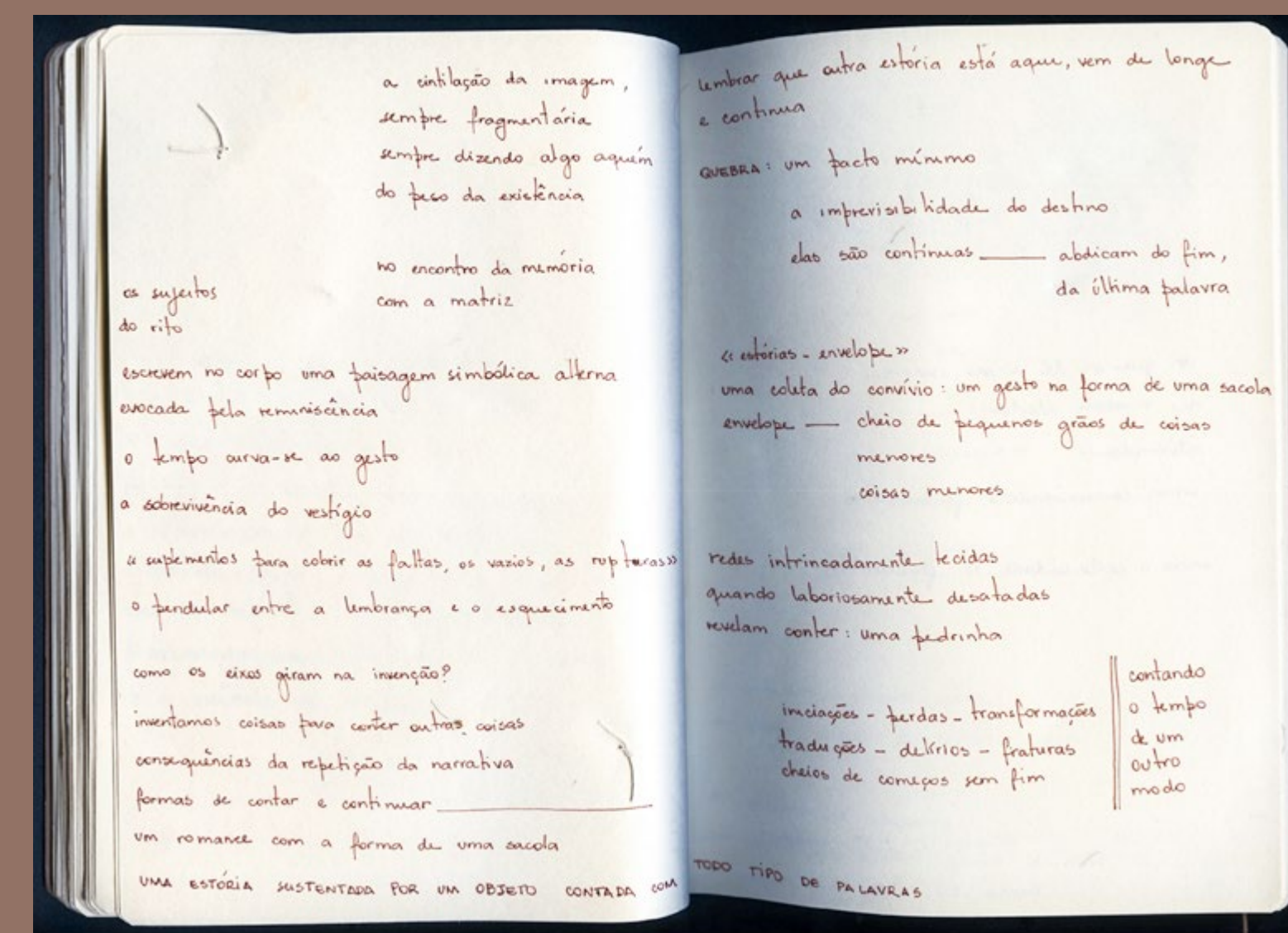
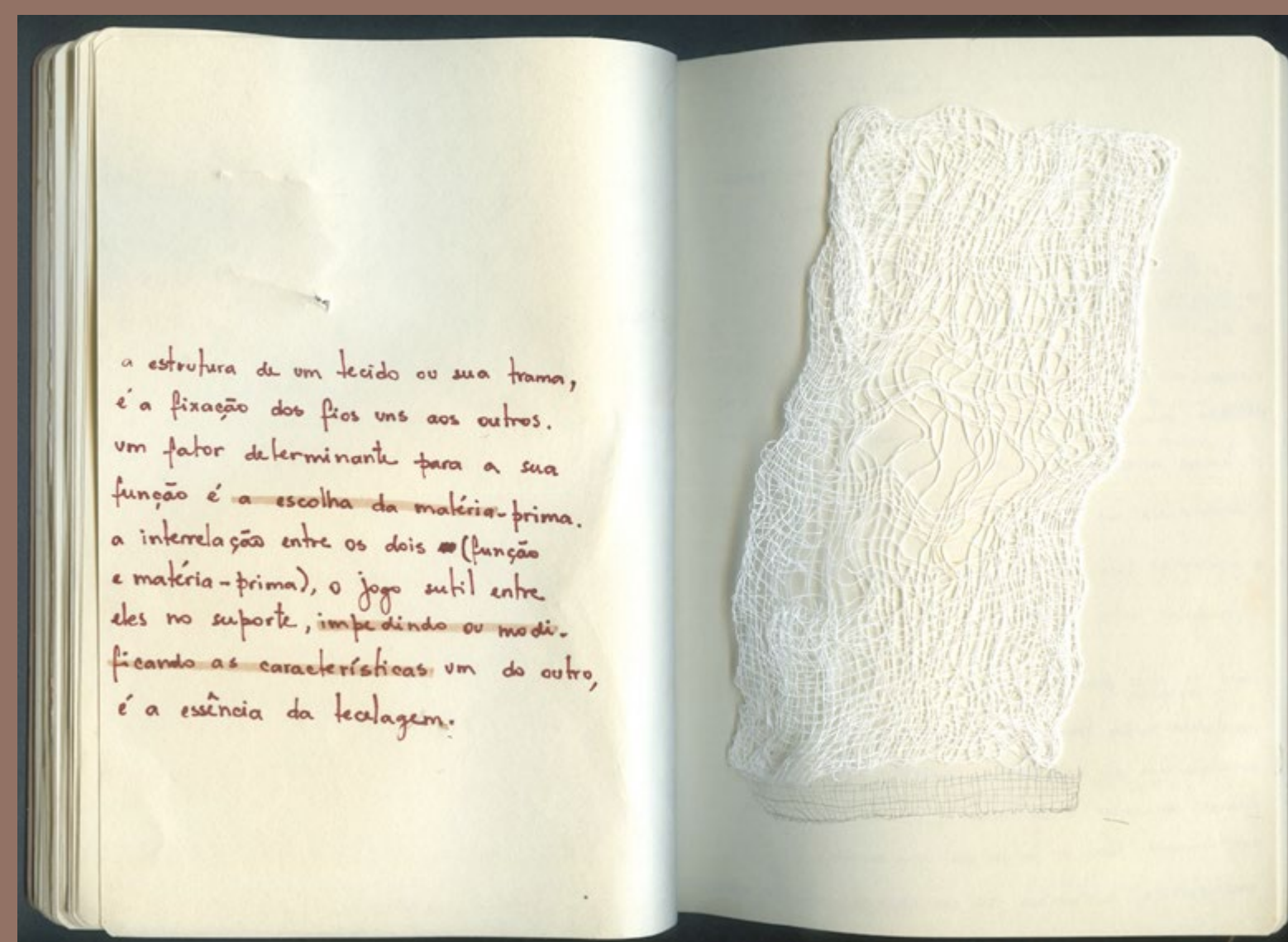
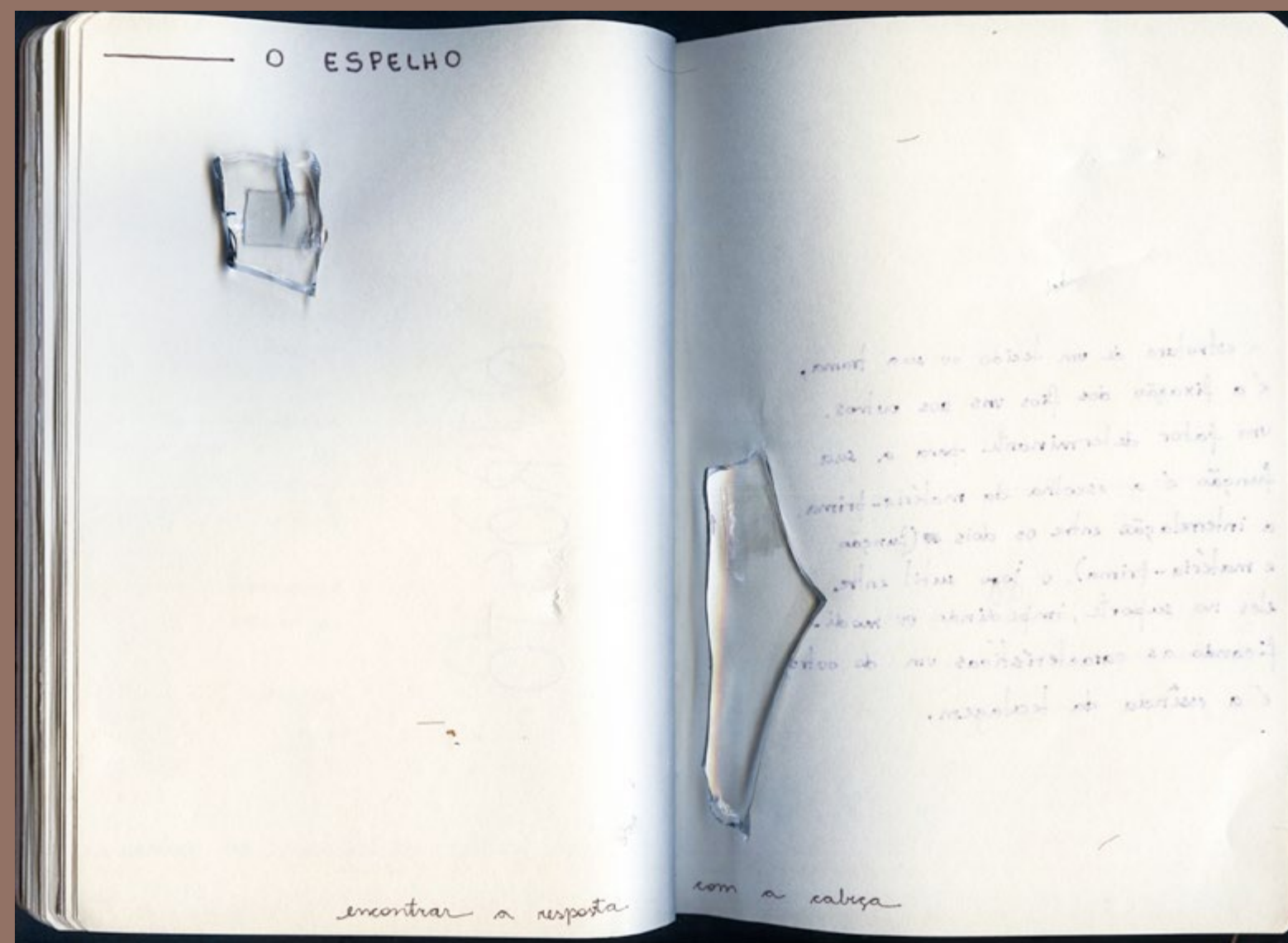
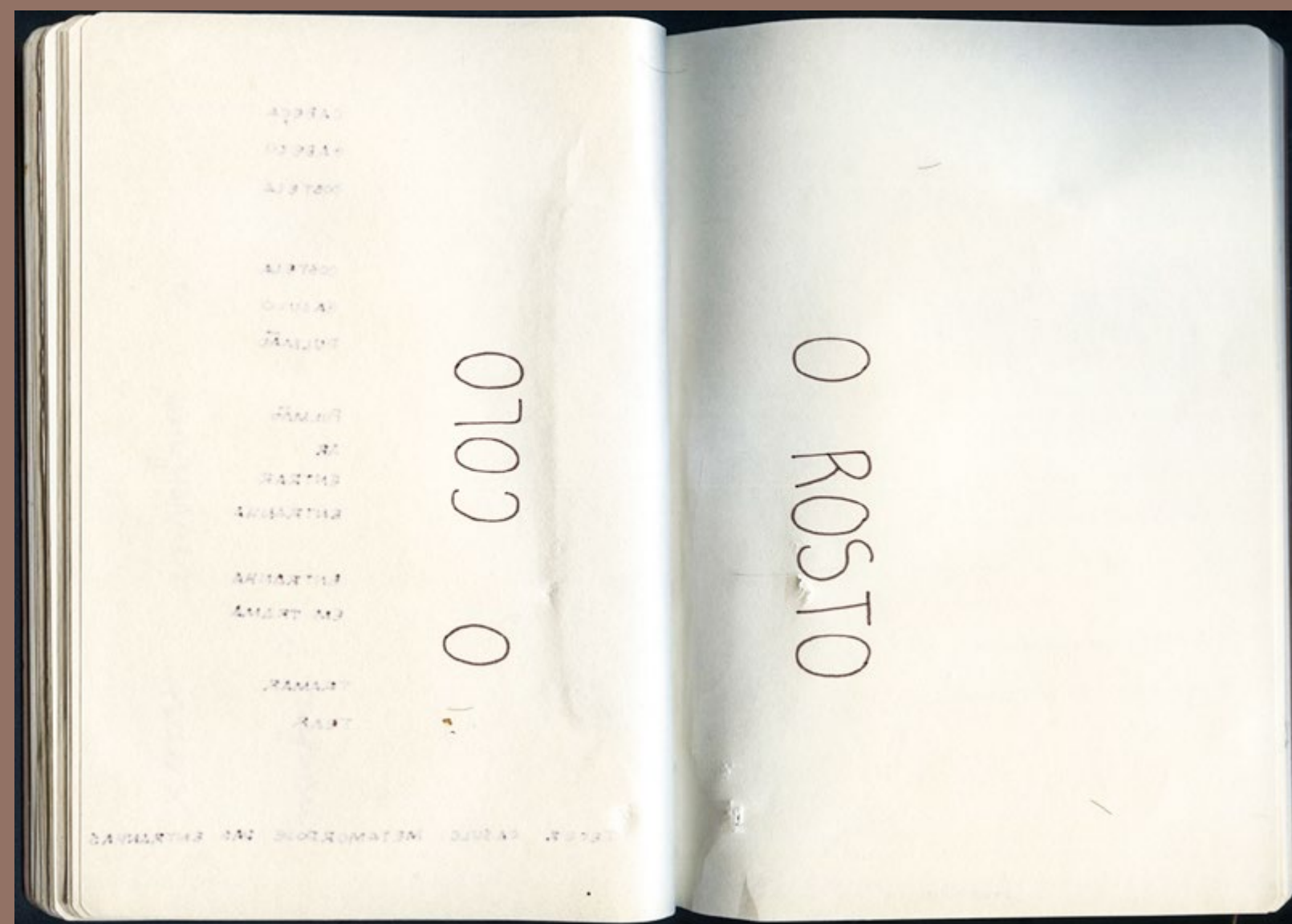
ENTRANHA

EM TRAMA

TRAMAR

TEAR

TECER CÁSULO METAMORFOSE DAS ENTRANHAS





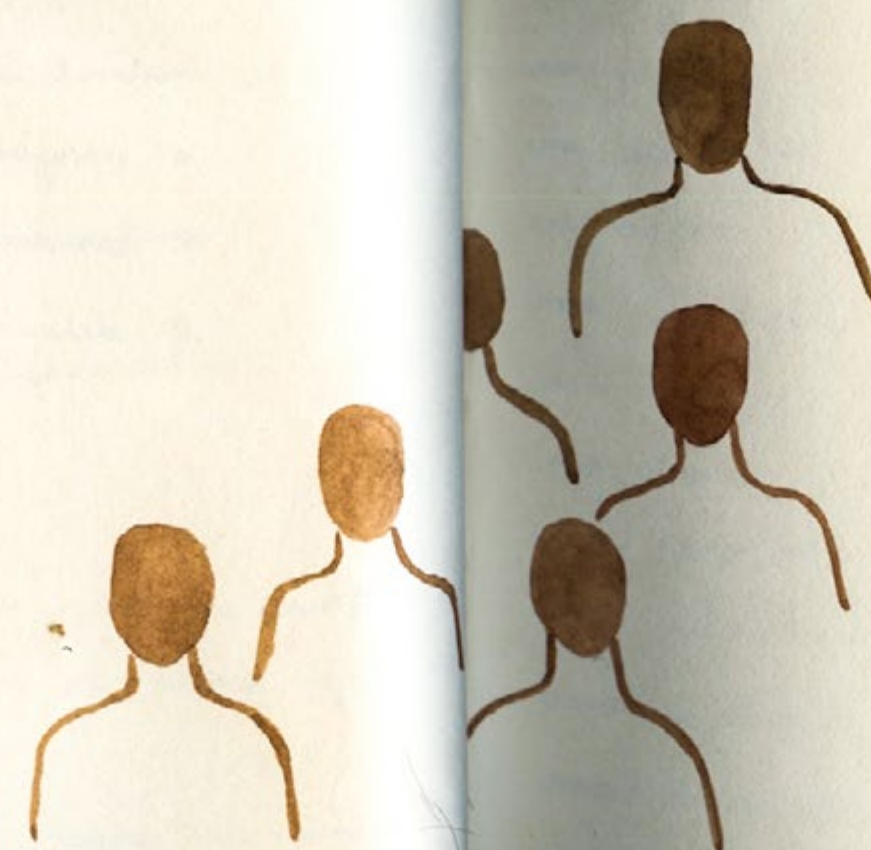
o que se lê e se escreve
de modo aberto
retornado
uma comunidade flutuante
uma « continuidade » flutuante

verrer sobre :
a força da articulação
entre os eixos
horizontal []
a carne
o áspero
a matéria
vertical []
a imaginação
o pensamento
o delírio

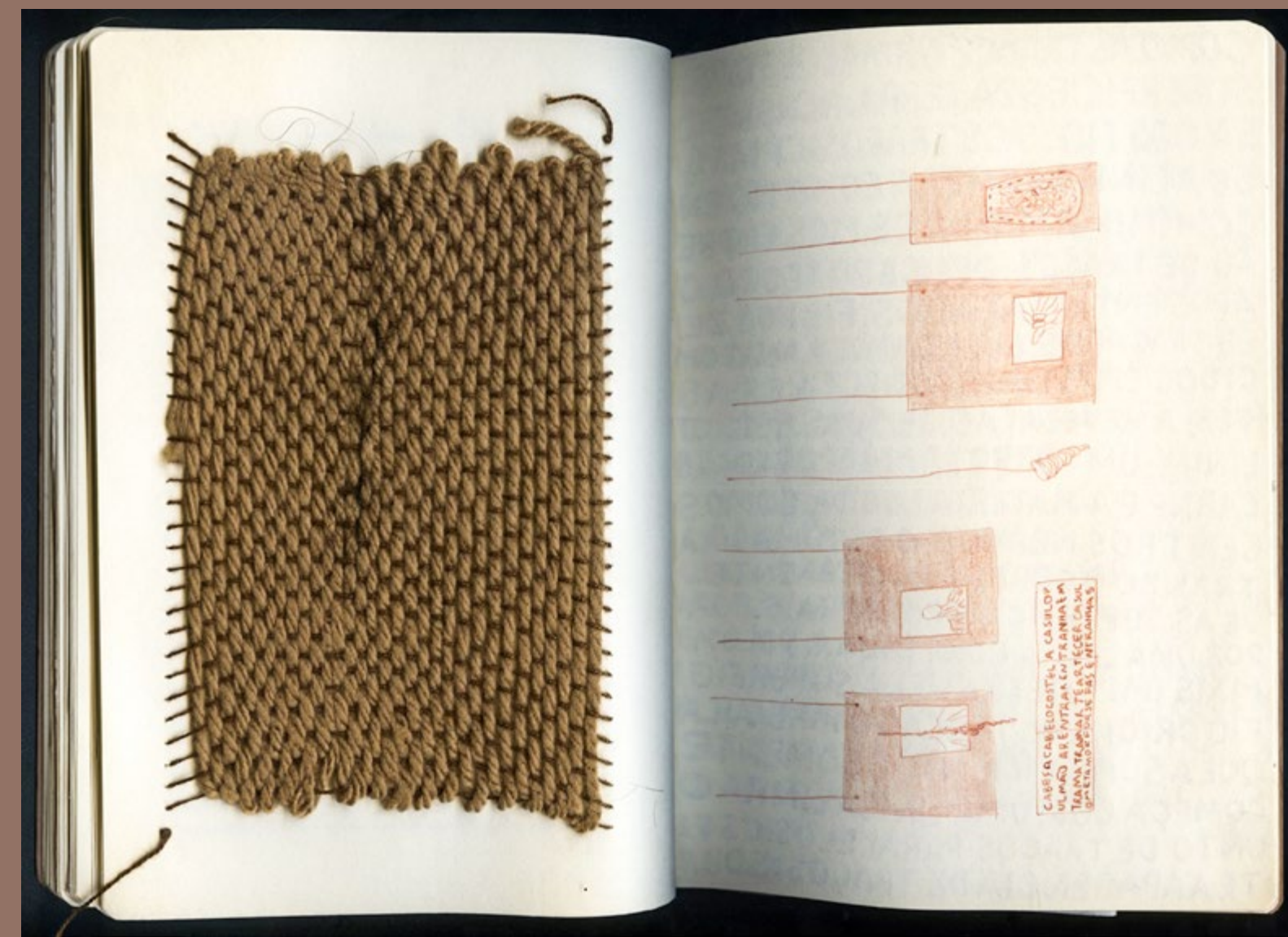
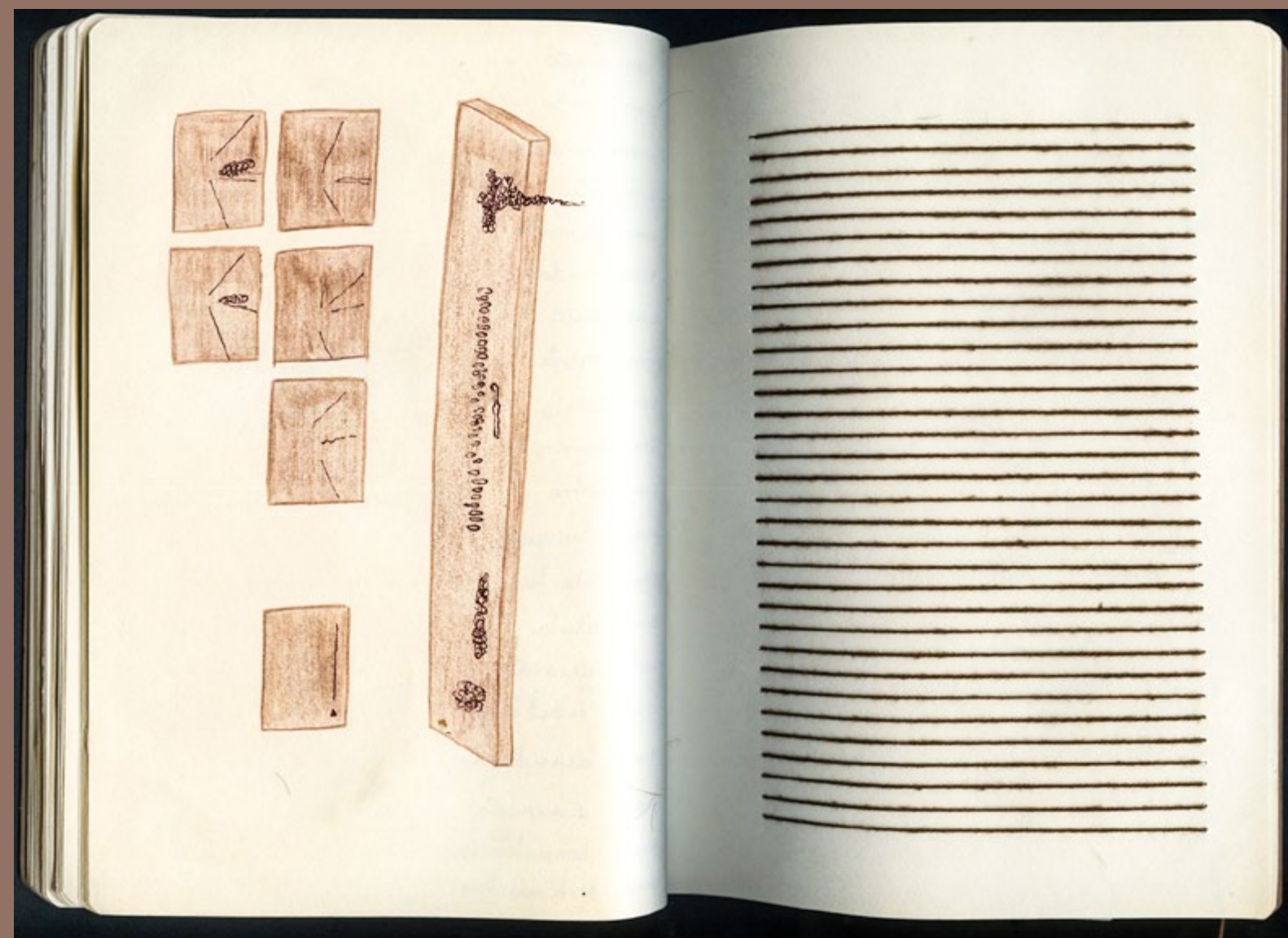
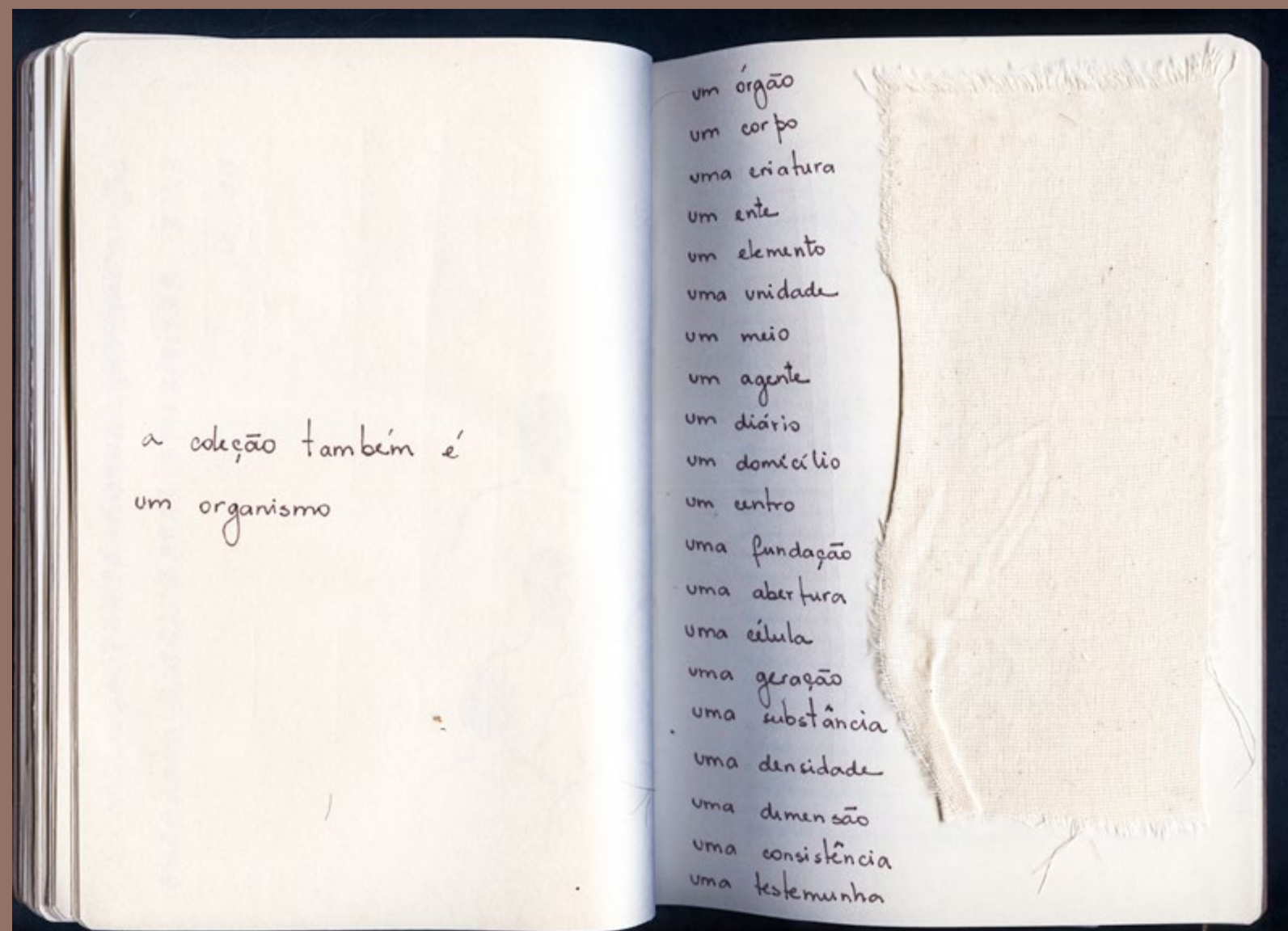
a matéria em carne viva
o traço áspero da matéria seca
o delírio do corpo
em ponto de saio, ponto de uso
o corpo em ponto de carne

delírio e testemunho

À AUSÊNCIA DAQUILO QUE REPRESENTAM,
UMA FORÇA CINTILANTE.



SÃO TAMBÉM AUTORETRATOS,
ESSE RECIPIENTE PARA GUARDAR IMAGENS
DE SI.



COMO AS TRANSFORMAÇÕES DOS
SUPERFÍCIES DA TERRA. A CASA DO
SA, DOS FIOS AOS TRAÇOS: CRIAR
SE A LINHA COMEÇA COMO FIO E
COMO UMA MALHA DE FIOS ENTRE
ÃO DE TRAÇOS. DELICADO TECIDO,
APOS ENTRELAÇADOS. FIAPOS ZE
OS TRAÇADOS, NO CORPO. A ANATOMIA
CIDOS EPITELIAIS, CONECTIVOS. AS
TES, A REVELAÇÃO DE SUAS ESTRUTURAS
LINHA. UM CORPO TRAMADO EXTRAORDINARIAMENTE TRANSLÚCIDO. A
CARNE E A MATÉRIA LÚCIDA. COMO SE O EXEMPLAR FOSSE DE VIDRO, OS
CENTROS, NERVOS, O ESTÔMAGO, A CIRCULAÇÃO DO SANGUE, OS RINS FIL
TRANDO O CORPO TRANSPARENTE. UMA ANATOMIA DO OLHAR DISSOL
VE AS SUPERFÍCIES CORPORAIS. FORMA UMA SUPERFÍCIE INTERROMPIDA
POR UMA LINHA CONTÍNUA. O VOLUME É DO NO. O NO QUANTO MAIS FIRME:
MAIS IMPENETRÁVEL A SUPERFÍCIE. O NO ESTÁ DENTRO, E OLHO NÚ. O
FIO ORIGINAL. TRAÇADO IRREGULAR, EM POUCAS PALAVRAS. DEIXA VER
QUE A SUPERFÍCIE NÃO É SOMENTE SOLO. UMA TECITURA NÃO COMEÇA
COMEÇA COM UMA ÚNICA LINHA CONTÍNUA. A URDIDURA É UM CONT
UNTO DE TRAÇOS PARALELOS. OS FIOS DA TRAMA TOMAM GRADUALMEN
TE A APARENCIA DE TRAÇOS: SOBRE SUA SUPERFÍCIE OPACA

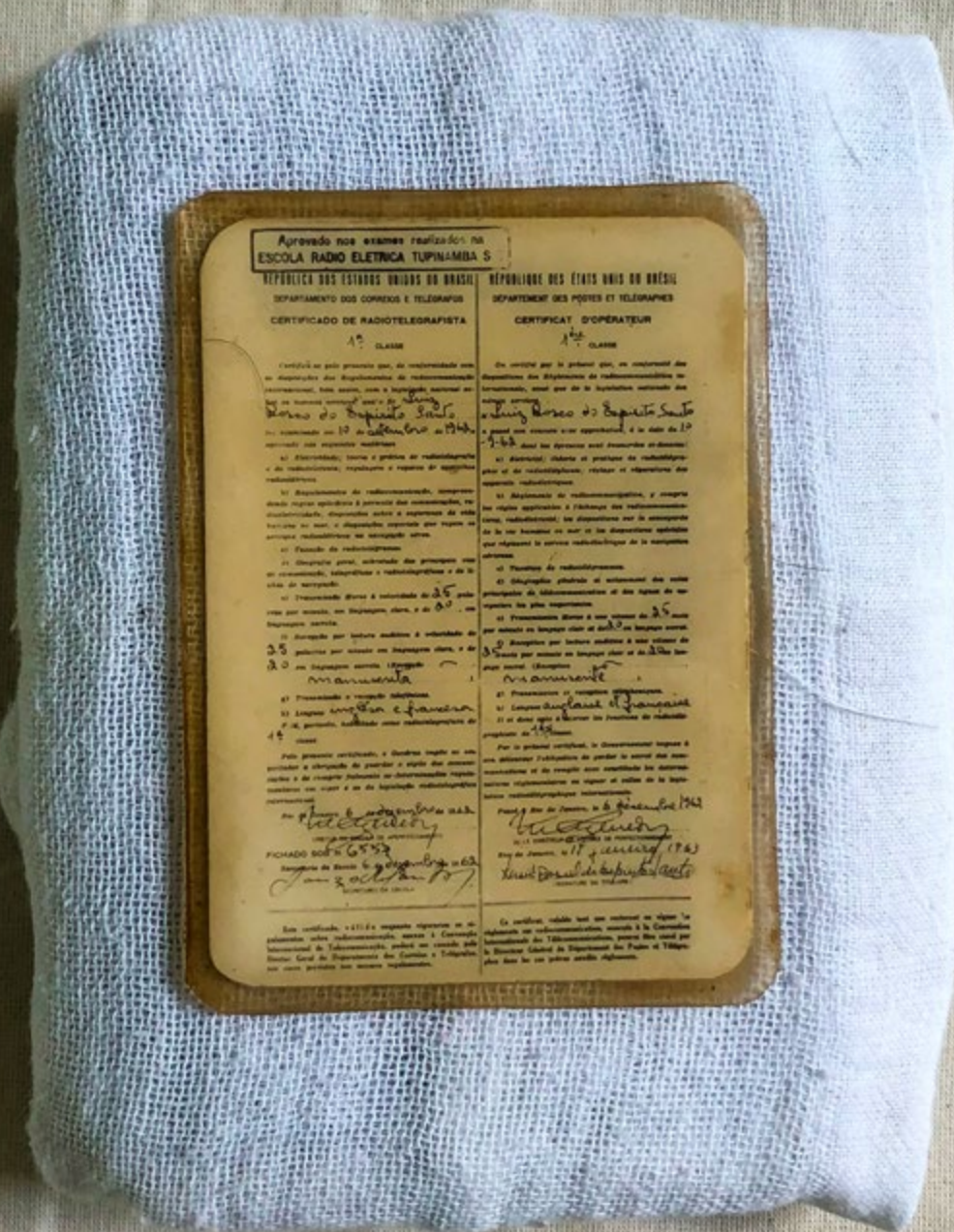




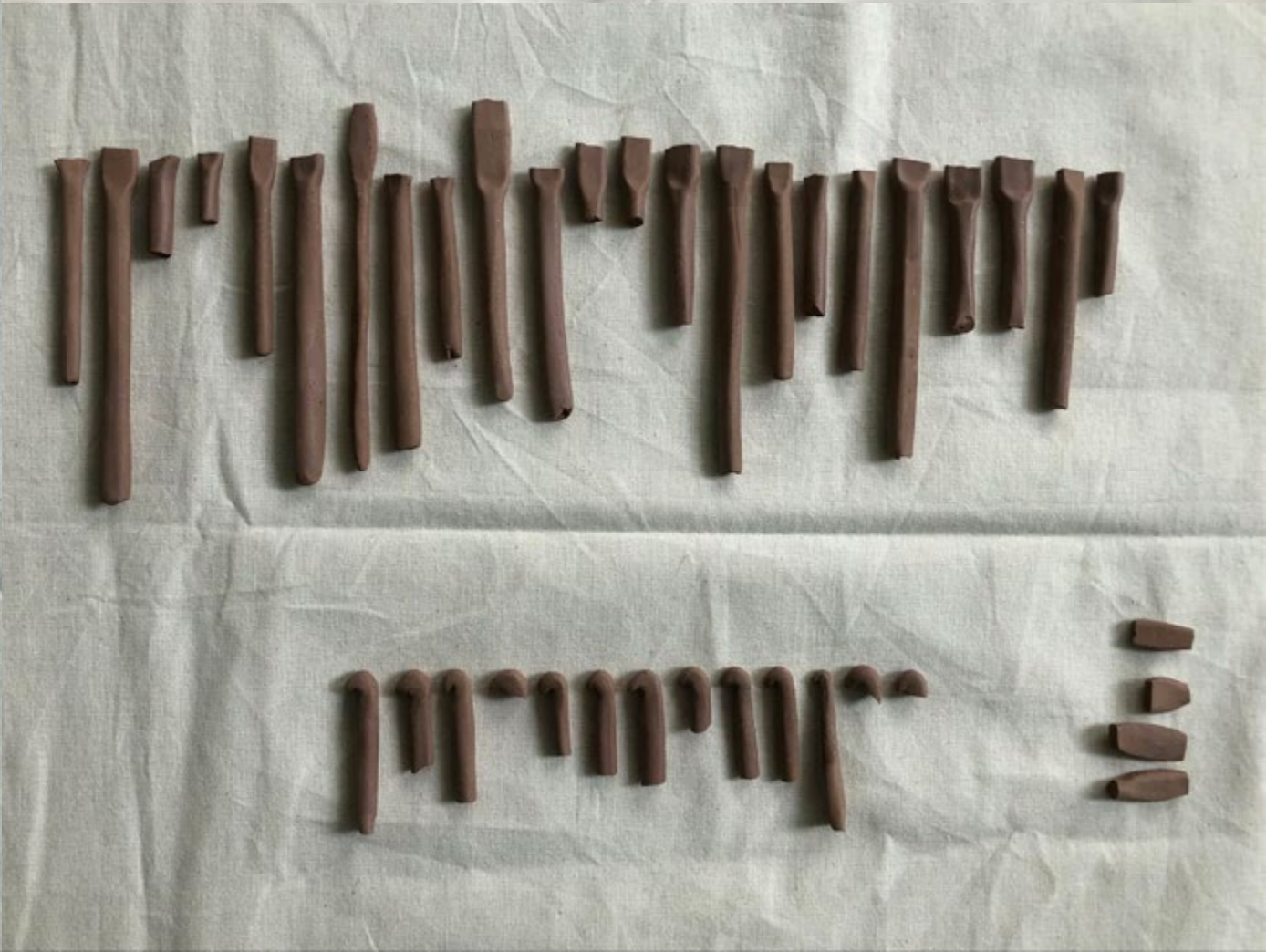








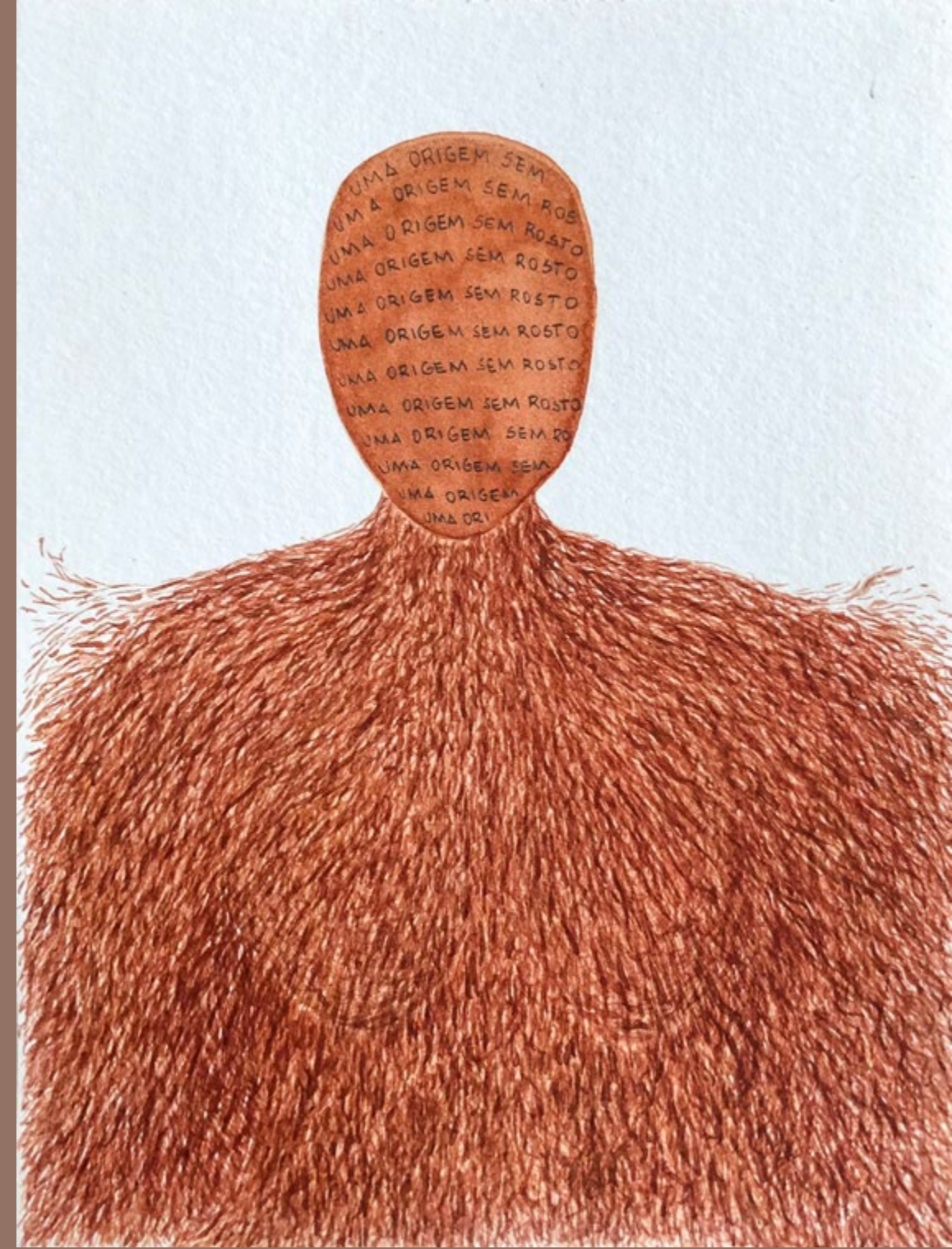
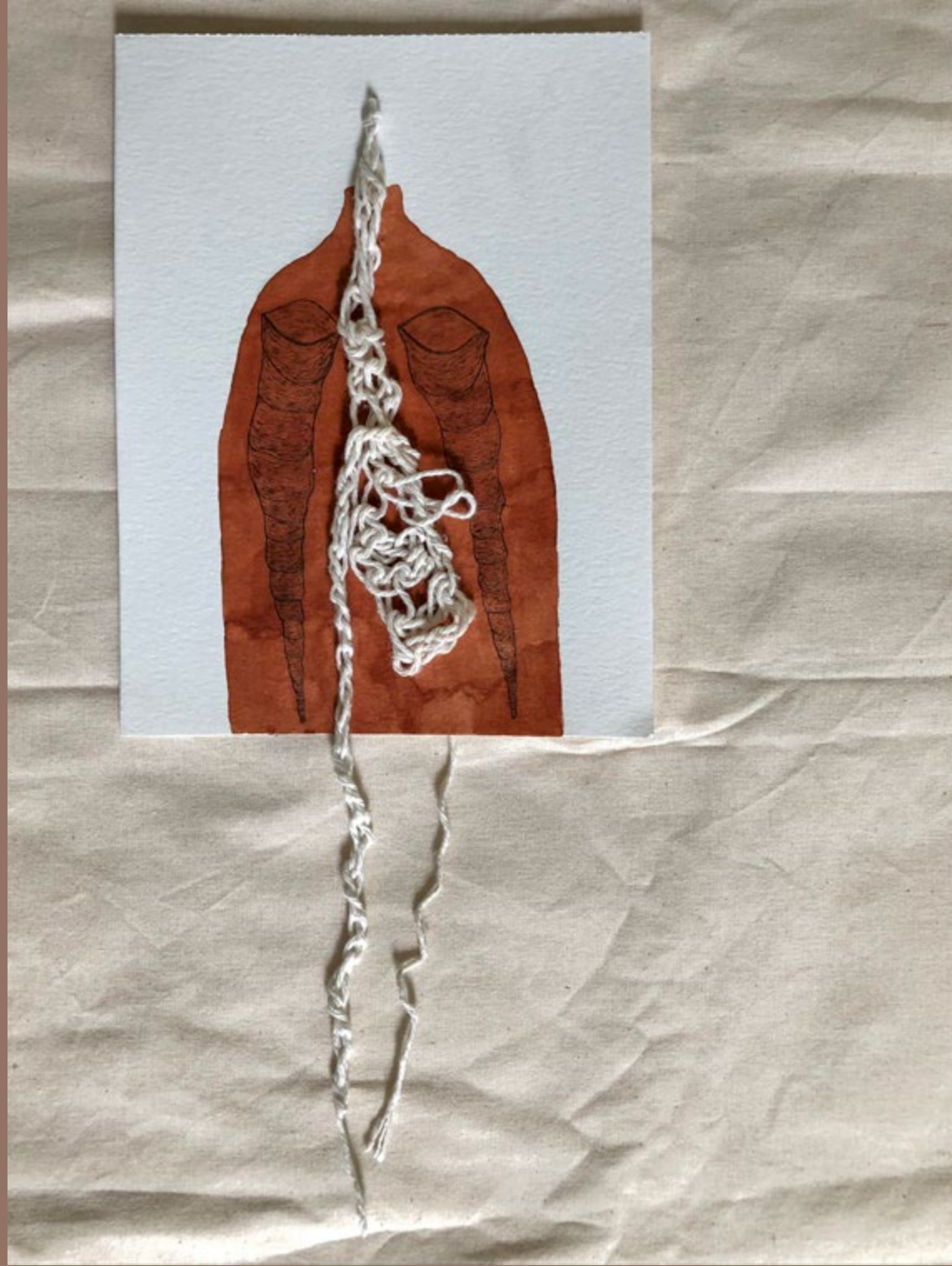


















QUEM SOMOS

Antonia Nayane nasceu no dia 29 de novembro de 1989 com fissura transforame bilateral e fenda palatina, popularmente conhecida como lábio leporino e goela de lobo. É amazônica natural de Castanhal, Pará. Atualmente reside em Belo Horizonte, Minas Gerais. Vive e trabalha entre esses territórios. É graduada em Ciência Sociais pela Universidade Federal do Pará. Atua como artista multimeios e é autora do livro de poemas Abraço sua Crina, publicado pela Impressões de Minas Editora.



Saiba mais: [@antonia_y_nayane](#)

Aziza Eduarda é natural de Contagem, região metropolitana de BH, Minas Gerais, Brasil. Atua como artista plural, fotógrafa, pintora, colagista, poetisa, diretora e produtora audiovisual. Começou a carreira profissional na fotografia aos 15 anos com autorretratos e ensaios. Hoje, com 24 anos - 9 anos de carreira-, trabalha com produção autoral, documental, fotojornalismo e moda, tendo como principal foco o registro afetivo do povo negro. Na pintura e na colagem, o caminho foi de retomada, de resgate do que a movia na infância -e esteve presente nos últimos 4 anos-, ao transcrever as histórias e as imagens da beleza e do afeto preto.



Saiba mais: @aziza_eduarda_

Lina Mintz é fotógrafa e gestora cultural. Seu trabalho é desenvolvido a partir do encontro, da criação conjunta com mulheres e realizações criativas diversas. Atua desde 2008 na gestão de grupos e coletivos artísticos culturais, adquirindo amplo repertório em processos compartilhados. Em 2013 iniciou seu caminho com a fotografia, no qual investiga os corpos, as individualidades e potências das singularidades. É graduada em Artes Visuais, especializada em Gestão Cultural, e atua como artista, curadora e coordenadora das atividades dos projetos Mútua, Se Toque e Makamba Brincante.



Saiba mais: @linamintz e @linamintz.fotografia

Maruaia é artista visual e mestranda na Escola de Belas Artes (UFMG). Seu trabalho costura, por meio da palavra, da performance e outras linguagens, histórias autobiográficas, fragmentos de memórias e invenções pessoais e coletadas. Atua desde 2013 em projetos socioculturais, acumula experiência em elaboração, desenvolvimento e gestão de projetos. Atualmente é coordenadora artística do Mútua e do Se Toque.



Saiba mais: @setoque.art e @c.maruaia

Renata Delgado é multiartista.

Tem o corpo e suas relações como caminho investigativo.

Foi Co-fundadora do Coletivo Naiá que durante 9 anos realizou proposições que integravam arte e o fortalecimento de mulheres. Atualmente se especializa em Cultura Visual - Fotografia e Arte Latino-Americana pela Universidade Católica de Pernambuco e desenvolve projetos artístico-culturais onde atua como gestora, artista gráfica, educadora e fotógrafa.



Saiba mais: @renatadelgado

Sarah Coeli é ex-arquiteta, linguista sem certificação e ceramista não praticante. Atua como artista e professora independente, segue caminho livre de formação em poéticas e teorias da arte. É especialista em gestos de escrita como prática de risco, a partir do exercício e dos pensamentos que envolvem o ato de escrever e o fracasso. Sua pesquisa opera em diferentes linguagens: performance, instalação, vídeo, fotografia, têxteis e escrituras, que promovem múltiplas ações na investigação da materialidade do barro e da palavra. Busca também compor interseções com outros temas que passam pelo corpo, pelo movimento, como a filosofia, as histórias biográficas de memória e do feminino.



Saiba mais: @sarahcoeli

Júlia Panadés é artista do
desenho e da palavra, nascida em
Belo Horizonte no ano de 1978.
É bacharel em Artes Plásticas,
mestra em Artes Visuais e
doutora em Estudos Literários. É
professora há mais de 20 anos, com
ênfase no ensino do desenho e na
condução de processos criativos
entre palavra e imagem. Atua como
editora e ilustradora em diversos
projetos editoriais.



Saiba mais: @panadesjulia

FICHA TÉCNICA

Coordenação de produção

Lina Mintz

Coordenação artística

Catarina Maruaia

Realização: Mútua

ISBN: 978-65-00-72435-6

Título: Poéticas do Encontro

Subtítulo: Residência

Artística, Mútua, 2023

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

Artistas anfitriãs: Catarina Maruaia e Lina Mintz

Artista convidada: Renata Delgado

Artistas selecionadas: Antônia Nayane,

Aziza Eduarda Xavier e Sarah Coeli

Artista orientadora: Julia Panadés

Convidadas aulas/lives: Flaviana Lasan,

Gênova Alvarado, Yanaki Herrera, Maria Vaz

Vídeo: Renca Produções

Fotografia: Lina Mintz

Identidade Visual: Renata Delgado

Projeto Gráfico e diagramação: Renata Delgado

Revisão textual: Ludmila Benquerer

Social Mídia: Breno Ribeiro

Assessoria de Imprensa: Rizoma Comunicação e Arte

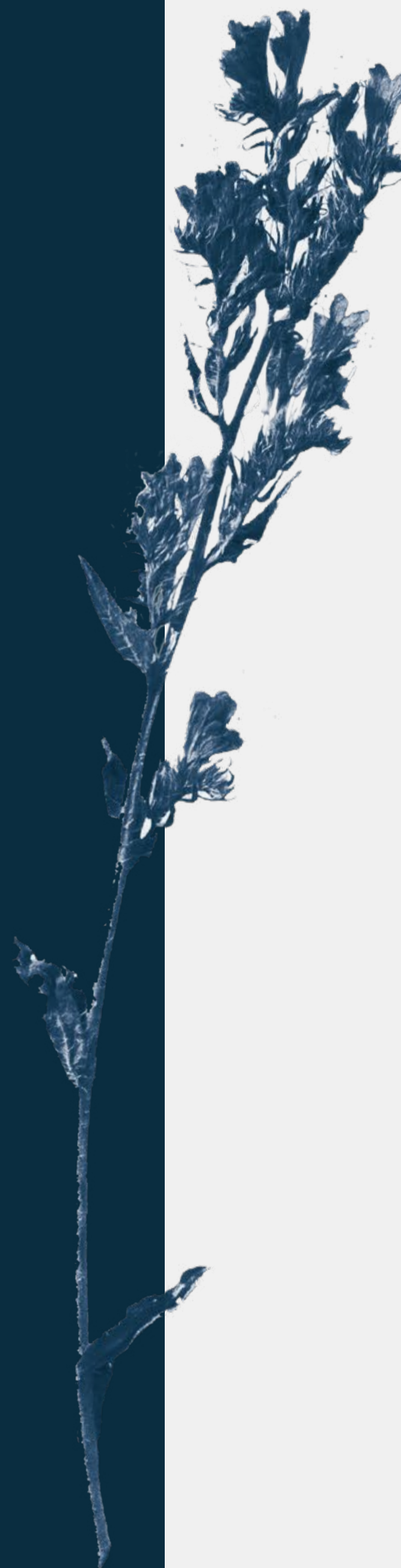


Foto: Denise dos Santos



Esta publicação foi realizada com recursos
da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de
Belo Horizonte.

Projeto 0217/2022

REALIZAÇÃO:



INCENTIVO:



CULTURA



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**

TRABALHANDO POR UMA cidade  feliz



@mutua.art